

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE
ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
CAMPUS DE BAURU

Pedro Henrique Colletti Silva

O Prometeu Moderno

BAURU
2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE
ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
CAMPUS DE BAURU

Pedro Henrique Colletti Silva

O Prometeu Moderno

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação UNESP/Campus Bauru, como requisito parcial para conclusão da graduação, sob orientação da Prof^a Dr^a Tarcila Lima da Costa.

BAURU
2023

S586p	Silva, Pedro Henrique Colletti O Prometeu Moderno / Pedro Henrique Colletti Silva. -- Bauru, 2023 102 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Artes Visuais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru Orientadora: Tarcila Lima da Costa 1. Artes Visuais. 2. Criatividade. 3. Mitologia. 4. Modernidade. 5. Existência. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Pedro Henrique Colletti Silva

O Prometeu Moderno

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação UNESP/Campus Bauru, como requisito parcial para conclusão da graduação, sob orientação da Prof^a Dr^a Tarcila Lima da Costa.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Tarcila Lima da Costa – Orientadora

Prof^a Dr^a Regilene Ap. Sarzi Ribeiro

Prof^a Dr^a Maria Claudia Sousa

Bauru, Junho de 2023.

Agradecimentos

Agradeço aos meus avós, Aparecida e Benedicto, que há muito se foram, mas que batalharam com muita força, cuidaram de seus filhos e netos com muito respeito, viveram com muito amor e deixaram seu legado para ser honrado.

Agradeço à minha mãe, Perpétua, minha criadora e o portal da minha existência, que cuida de mim como se eu ainda fosse um bebê.

Agradeço às minhas tias, Lúcia, meu maior pilar nesse mundo, e Tania, que me ensina tanto sobre a pureza da existência. Agradeço ao meu tio Antonio, ou Branco, por me mostrar que muitas vezes a vida não precisa ser tão complicada.

Agradeço ao amor da minha vida, Herison Piza, que me faz torcer para que exista vida após a morte apenas para passarmos a eternidade juntos vivendo aventuras, mesmo ele já fazendo daqui o meu paraíso.

Agradeço aos meus amigos, irmãos e camaradas. Ao meu melhor amigo Adrian Lemes por sempre me estender a mão sem nem pestanejar. Às amigas da época de escola, Ana Carolina Andrade, Maria Isabel Carvalho, Maria Alice Prompero, Najla Cardozo e Natalia Cardozo, pelo cultivo de tantos anos de amizade. Aos amigos de Bauru, de curso e de arte, Ana Carolina Micarelli, Arthur Ferrari, Daniel Camargo, Filipe Freitas, Julia Marques, Laura Castralli, Louise Maia, Lucas Carvente, Luiza Bravin, Mateus Faria e Matheus Azevedo, aos de república, Christiano Cavlak, Gabriel Quinelato, Giovana Silvino, Gustavo Cotrim, Jaqueline Oliveira, Kauê Clemente, Leonardo Diman, Luan Cabral, Luiz Felipe Barros, Marcela Romagnoli, Oelder Giacomini, Rodolfo Batista, Tales Marques, Vinícius Iared e Vitor Zangerolamo, à todas amigas Texuguetes mas sobretudo à Aldrei Stabile e Suelen Cordeiro, e aos de trabalho, Fernando Nogueira, Juliana Caetano e Juliano Caetano. E em especial a Mariana Monteiro, ou Sol, amiga de outras vidas, que traz beleza à existência através de sua voz. Agradeço a todos por serem família, me acolherem e viverem comigo tantas aventuras na cidade sem limites.

Agradeço à minha eterna professora de literatura Margareth Dosualdo, Ou Meg, que antes de ir se despediu de mim em um sonho, deixando a memória de sempre apoiar meu ser, minha arte e poesia, me incentivando a abraçar a "esquisitice", como em um bom filme do Tim Burton.

Agradeço à professora e orientadora Tarcila Lima pela sensibilidade e paciência, e às professoras Regilene Sarzi e Maria Claudia Sousa pelas aulas, pela atenção e anos de ensinamento.

Agradeço à vida e à minha simples e mortal condição humana, que torna tudo ainda mais emocionante, e que me possibilita sentir, apenas e somente sentir.

Resumo

"O Prometeu Moderno" explora as intersecções entre arte, mitologia, criatividade, modernidade e existência, investigando a busca humana por significado e sentido. A partir do mito de Prometeu e do romance "Frankenstein ou O Prometeu Moderno" (1818) de Mary Shelley, analisamos como essas narrativas simbolizam a busca pelo conhecimento e pela criação, mas explorando uma nova figura: o jovem artista visual imerso em um mundo moderno, e usando a fotomontagem como sua expressão artística. Discutimos os desafios enfrentados no contexto acelerado e hiperconectado do período contemporâneo que vivemos, examinando formas de resistência, reinvenção e transformação. Ao integrar teoria e prática, o trabalho reflete sobre como os seres humanos ocupam sua realidade, preenchendo o vazio da existência através da arte, dos mitos e da criação.

Palavras-chave: criatividade, arte, mitologia, modernidade, fotomontagem.

Abstract

"The Modern Prometheus" explores the intersections between art, mythology, creativity, modernity, and existence, investigating the human quest for meaning and purpose. Drawing from the myth of Prometheus and Mary Shelley's novel "Frankenstein or The Modern Prometheus" (1818), we analyze how these narratives symbolize the pursuit of knowledge and creation, while exploring a new figure: the young visual artist immersed in a modern world, utilizing photomontage as their artistic expression. We discuss the challenges faced in the fast-paced and hyperconnected context of the contemporary era, examining forms of resistance, reinvention, and transformation. By integrating theory and practice, the work reflects on how human beings occupy their reality, filling the void of existence through art, myths, and creation.

Keywords: creativity, art, mythology, modernity, photomontage.

Lista de Imagens

Figura 1 - BOTICELLI, Sandro (1445 - 1510) O Nascimento de Vênus. Têmpera sobre tela, 172.5 x 278.5 cm, Galeria Uffizi, Florença: 1484 - 1486.	32
Figura 2 - BUONAROTTI, Michelangelo (1475 - 1564) David. Escultura em mármore, 517 cm de altura, Galleria dell'Accademia, Florença: 1501 - 1504.....	32
Figura 3 - TOLKIEN, J.R.R. (1892 - 1973) - O Senhor dos Anéis.....	34
Figura 4 - RIORDAN, Rick (1964 -) - Percy Jackson e os Olimpianos.....	34
Figura 5 - GAIMAN, Neil (1960 -) - American Gods.....	34
Figura 6 - Capa da edição #1 de The Sandman (1989).....	35
Figura 7 - Página de The Sandman #7.....	35
Figura 8 - BUONAROTTI, Michelangelo (1475 – 1564) A criação de Adão. Afresco, 280 x 570, Teto da Capela Sistina, Roma: 1508 – 1512.....	38
Figura 9 - BOSCH, Hieronymus. (1500-1505). O Jardim das Delícias. Óleo sobre madeira, 220 x 389 cm, Museu do Prado, Madri.	36
Figura 10 - 2001: A Space Odyssey (1968) - Stanley Kubrick.....	39
Figura 11 - Prometheus (2012) - Ridley Scott.....	39
Figura 12 - Hannah Höck (1919) - Corte com faca de bolo.....	50
Figura 13 - Raoul Hausmann (1920) Self-portrait of dada soph.....	50
Figura 14 - Henry Peach Robinson (1858) - Fading away.....	50
Figura 15 - Klutis (1919) - Cidade Dinâmica.....	51
Figura 16 - Man Ray - O violino de Ingres – 1924.....	53
Figura 17 - Herbert Bayer – Lonely Metropolitan - 1932.....	53
Figura 18 - Erik Johansson (2023) - Deadline.....	54
Figura 19 - Erik Johansson (2022) - Head in the Clouds.....	55
Figura 20 - Pedro Colletti (2023) - O Prometeu Moderno.....	59
Figura 21 - FÜGER, Heinrich Friedrich (1817) - Prometeu leva o fogo à humanidade.....	60
Figura 22 - VON HOLST, Theodor (1831) - Ilustração da edição de “Frankenstein” de 1831.....	60
Figura 23 - CARAVAGGIO, Michelangelo Merisi da (1571-1610) - São Jerônimo. Óleo sobre tela, 114 x 94 cm, Galeria Borghese, Roma: 1605-1606.....	62
Figura 24 - Foto original no quarto.....	69
Figura 25 - Captura de tela do Photoshop em parte do processo.....	70
Figura 26 - Peça em estágio inicial.....	71

Figura 27 - Peça em estágio intermediário.....	72
Figura 28 - MAGRITTE, René – O Filho do Homem - 1946 – óleo sobre tela – 116 x 89 cm.....	75
Figura 29 - Banda My Chemical Romance (2001-).....	75
Figura 30 - Ampliação do fone.....	75
Figura 31 - Ampliação da extensão.....	75
Figura 32 - Ampliação da caneta.....	75
Figura 33 - Ampliação das pilhas de livros e quadrinhos.....	76
Figura 34 - Ampliação da pilha de pratos e caneca com canetas.....	76
Figura 35 - Ampliação da rosa e do crânio.....	77
Figura 36 - Ampliação da cesta de lixo.....	77
Figura 37 - Ampliação do relógio.....	78
Figura 38 - Ampliação do calendário.....	78
Figura 39 - Ampliação dos post-it.....	79
Figura 40 - Ampliação da lâmpada.....	79
Figura 41 - Ampliação da lombada dos livros.....	79
Figura 42 - Ampliação da tela do computador.....	80
Figura 43 - Vida e Morte.....	94

Sumário

O Vazio - Introdução.....	11
O Caos.....	13
Realidade.....	14
Vida e morte.....	15
A Criação.....	16
Sentido.....	17
Fruto.....	28
O Cosmo.....	41
Mundo.....	44
O Prometeu Moderno.....	59
A Luz - Considerações finais.....	91
Referências bibliográficas.....	95
Apêndices.....	98

*I feel like my whole life is countin' down to
something*

*I don't-I don't quite know what it is
And I feel somewhere between everything
and nothing*

But I don't really know where that is

*Eu sinto que toda a minha vida está em
contagem regressiva para algo*

*Eu não, eu não sei bem o que é
E eu me sinto em algum lugar entre tudo e
nada*

Mas eu realmente não sei onde fica

(Tick - Des Rocs)

O Vazio - Introdução

A busca pela expressão artística e criativa tem sido um tema recorrente ao longo da história da humanidade. A arte e o mito, como meio de expressão e reflexão, permitem aos seres humanos explorarem suas visões de mundo, questionarem conceitos e desafiarem os limites da criatividade. Neste trabalho, intitulado "O Prometeu Moderno", exploraremos as intersecções entre arte, mitologia, modernidade e suas implicações na própria existência humana.

Na mitologia grega, Prometeu foi um titã que roubou o fogo dos deuses e o entregou aos humanos, concedendo-lhes conhecimento e criatividade. Essa ação simboliza a busca incessante pela inovação e pela liberdade da expressão e do conhecimento. Na literatura gótica, "Frankenstein ou O Prometeu Moderno" (1818) de Mary Shelley (1797-1851) conta a jornada de Victor Frankenstein, que se entrega ao seu desejo de ultrapassar os limites da ciência e criar vida artificialmente e, assim como Prometeu, desafia as leis naturais, buscando conhecimento além dos limites.

Neste trabalho, podemos identificar um novo tipo de "Prometeu Moderno": o jovem artista visual que trabalha com a manipulação de imagem, ou fotomontagem, imerso em sua vida digital, diante de seu computador e de infinitos meios de conteúdo e informação. No entanto, o mundo acelerado e cada vez mais conectado em que vivemos muitas vezes impõe um contexto que reduz a criatividade e a sensibilidade do nosso próprio ser. A constante exposição a estímulos digitais e a demanda por produção em massa podem levar à perda da individualidade, tanto pessoal quanto artística, e à padronização dos sentimentos e das expressões. Nesse sentido, surge a problemática central deste estudo: como entender a criatividade através da arte e dos mitos e assim preservar a essência criativa e a sensibilidade em um mundo dominado pelos sintomas da modernidade?

Este trabalho busca investigar como o artista, inserido nesse universo, lida com os desafios impostos pela era moderna e contemporânea. Exploraremos as possíveis formas de resistência e de reinvenção artística nesse cenário, levando em consideração as interações entre o potencial humano para criar e os frutos advindos deste. A metodologia utilizada para abordar essa questão envolverá uma revisão bibliográfica sobre a relação entre criatividade, arte e mitologia, um breve contexto da modernidade, para chegarmos na evidência artística feita através da técnica de fotomontagem e como ela dialoga com a poética do projeto e teoria aqui exposta.

No primeiro capítulo, intitulado "O Caos", é dada uma possível perspectiva sobre a nossa própria realidade, física e material, visando compreender como nossa percepção funciona e influencia a compreensão do nosso mundo, e, conseqüentemente, do próprio projeto. No segundo capítulo, "A Criação", são abordados a importância da arte e dos mitos na busca do sentido existencial da humanidade. Nesse contexto, são exploradas as teorias de criatividade de Fayga Ostrower (1920-2001) e os estudos sobre mitologia de Mircea Eliade (1907-1986) e Joseph Campbell (1904-1987) e um breve contexto sobre a interpretação da arte com a perspectiva dos historiadores Ernst Hans Josef Gombrich (1909-2001) e Horst Waldemar Janson (1913-1982). No terceiro capítulo, intitulado "O Cosmo", são examinados os efeitos da modernidade no desenvolvimento humano e na arte, através do contexto dos movimentos artísticos modernos, como a literatura gótica, o dadaísmo, o construtivismo e o surrealismo, além de se aprofundar na técnica da fotomontagem como expressão artística usada na prática deste projeto.

Por fim, no subcapítulo "O Prometeu Moderno", é realizada uma investigação sobre a relação entre criatividade, mitologia e existência, em uma peça artística desenvolvida por meio da fotomontagem. Nesse contexto, o processo criativo da obra é explorado, evidenciando sua poética e a relação com a teoria antes exposta, mostrando como o artista se reinventa e utiliza a arte e o mito para lidar com a modernidade e contemporaneidade, fazendo destas ferramentas para compreender e transformar sua própria realidade.

Ao integrar tais teorias e a prática criativa, "O Prometeu Moderno" busca oferecer uma abordagem reflexiva a fim de entender como nós, seres humanos, lidamos e ocupamos nossa realidade, nosso mundo e nossa própria existência.

A fim de preencher esse vazio, criaremos.

E disse Deus: Haja luz; e houve luz.

(Gênesis 1:3)

O Chaos

A existência é um enigma que se desdobra através do caos. A existência é um desastre perfeito.

Mircea Eliade (1907-1986), renomado historiador dos mitos e das religiões, utiliza o termo "caos" em seu trabalho, nos livros "Mito e Realidade" (2010), "O Sagrado e o Profano" (2001) e "Imagens e Símbolos" (2000), para se referir a um estado primordial e indiferenciado que precede a criação e a ordem cósmica. Segundo Eliade, o caos representa um estado de potencialidade e indefinição, onde não há distinção entre os elementos, formas ou categorias que estruturam o universo.

O caos, nesse sentido, é um conceito utilizado para descrever um estágio inicial antes da manifestação e diferenciação das diversas realidades e estruturas existentes no mundo. É um estado que pode ser considerado como um vazio ou um "nada" informe, mas que contém em si as possibilidades e potencialidades para a criação e a ordem. Eliade destaca que, em muitas tradições religiosas e mitológicas, o caos é frequentemente associado a um estado de desordem, perigo e instabilidade, contrastando com a ordem estabelecida e estável do mundo criado. A partir desse estado caótico, ocorrem processos de separação, organização e criação, que dão origem ao cosmos e às estruturas que o sustentam.

O caos é um conceito fundamental na compreensão das visões de mundos, representando um estágio primordial e precursor da ordem e da criação cósmica.

Realidade

A realidade é uma complexa teia de eventos que permeia a existência humana e constitui sua base fundamental.

Empiricamente, nossa realidade é material, composta por blocos fundamentais de matéria que compõem o universo. Ao longo da história, diferentes concepções filosóficas e científicas abordam a natureza da matéria, desde os elementos básicos da antiguidade até a descoberta dos átomos e partículas subatômicas pela ciência moderna.

A matéria é a essência tangível do mundo que nos rodeia, desde objetos físicos até nossos próprios corpos. Ela representa a manifestação concreta da existência e serve como a base sólida sobre a qual construímos nossa compreensão do mundo. Por outro lado, a energia é uma grandeza física que descreve a capacidade de um sistema realizar trabalho ou produzir mudanças. Ela se apresenta em diversas formas, como energia cinética, potencial, térmica, elétrica, luminosa, biológica e, subjetivamente falando, até a criativa, desempenhando um papel crucial em todos os fenômenos e atividades do universo.

O espaço, por sua vez, é uma das dimensões fundamentais em que os objetos e eventos existem e ocorrem. É uma entidade abstrata que descreve a extensão tridimensional em que a matéria e a energia se manifestam. O espaço é geralmente concebido como contínuo e infinito, permitindo que objetos ocupem diferentes posições e se movam em trajetórias distintas. Além de seu significado físico, o espaço também pode ter conotações mais amplas, como um ambiente vazio ou um lugar para a existência e interação entre objetos e seres.

No entanto, é o tempo que governa tudo. O tempo é uma dimensão implacável que conduz tudo do universo a uma jornada. Mas o que caracteriza a jornada humana em nossa realidade é sua finitude.

Vida e morte

Você pensa em morrer?

A vida, e de modo análogo, seu inevitável fim, sempre foram fatores que fascinaram e confundiram os seres humanos, principalmente quando procuram uma resposta para tais mistérios. Essa questão se estabelece nas suas manifestações físicas e biológicas, bem como na linearidade que estrutura a evolução de sua consciência individual e coletiva.

Através da arte, da poesia, da música, da literatura, da filosofia, ou nos mitos, sejam eles sobre a criação e origem do mundo, do universo e dos seres, até sua possível destruição, buscamos compreender como algo surgiu, qual o sentido de sua existência e conseqüentemente seu possível fim.

Existir é dúvida. Dúvida que confere sentido e significado a nossa realidade e a sensação de estarmos vivos. É a irrupção do que fundamenta esse mundo e configura a humanidade ao o que ela sempre foi: mortal.

O ser humano, diante da complexidade e do caos da existência, busca criar ordem e encontrar significado. Através de diversas expressões artísticas, filosóficas e culturais, procuramos compreender o mundo ao nosso redor e encontrar respostas para as questões fundamentais da realidade, da vida e da morte, buscando compreensão e sentido, e assim, nos conectando com nossa condição mortal.

Nessa jornada, a fim de encontrar um senso de propósito e identidade, ou melhor, a fim de dar sentido a todo esse caos, o ser humano cria.

A Criação

A invenção, devemos admitir humildemente, não consiste em criar do nada, mas do caos; os materiais devem, em primeiro lugar, ser concedidos; ela pode dar forma a substâncias disformes, negras, mas não pode trazer à existência, mesmo as que pertençam à imaginação, [...] A invenção consiste na capacidade de apreender as possibilidades de um objeto e no poder de moldar e adaptar as ideias que lhe são sugeridas. (SHELLEY, 2017, p.29)

Sentido

Qual o sentido da vida?

Moyers (2006), em conversa com Joseph Campbell (1904-1987) no livro "O Poder do Mito" (2006) entende que a compreensão dos mitos revelam aquilo que é comum entre os seres humanos. Os mitos são narrativas que refletem nossa busca por verdade, sentido e significado ao longo do tempo. Eles são instrumentos que nos auxiliam a compreender nossa história, a enfrentar a transição do nascimento à vida e, por fim, à morte. A vida precisa ter significado para nós, necessitamos entrar em contato com o eterno, desvendar o mistério e descobrir nossa própria identidade. Campbell afirma:

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. (CAMPBELL, 2006, p. 17)

Joseph Campbell (2006), foi um estudioso das mitologias comparadas. Em "O Poder do Mito" (2006), o sentido da vida pode ser compreendido por meio do estudo dos mitos e das narrativas humanas ao longo da história. Campbell argumenta que os mitos são expressões simbólicas das experiências universais da humanidade e revelam verdades profundas sobre a existência humana. Ele também propôs a ideia em seu livro "Herói de Mil Faces" (1990), afirmando que os mitos e histórias mitológicas compartilham um padrão comum que reflete a jornada humana em busca de significado. Segundo ele, o sentido da vida reside na descoberta e realização de nossa própria jornada heróica, onde enfrentamos desafios, superamos obstáculos e nos transformamos. Ele acredita que cada indivíduo tem a capacidade de se tornar o herói de sua própria história, encontrando propósito e sentido ao longo desse caminho de autorrealização.

Campbell (1990) argumenta que cada pessoa é chamada a embarcar em sua própria jornada do herói, enfrentando seus próprios desafios e descobrindo seu verdadeiro eu. O sentido da vida está na busca da realização pessoal, na descoberta e na expressão autêntica de quem somos. Além disso, destaca a importância de encontrar um "chamado" ou uma paixão na vida. Ele enfatiza a necessidade de seguirmos nossas verdadeiras paixões e interesses, em vez de nos submetermos a expectativas externas ou sociais. Ao perseguir o que nos inspira e nos traz alegria, encontramos um propósito significativo e experimentamos a plenitude da vida.

Para Mircea Eliade (2001) o sentido da vida está intrinsecamente ligado à busca pela transcendência e pelo sagrado. Para ele, as práticas religiosas e os mitos desempenham um papel fundamental nessa jornada em direção à transcendência. Através do contato com o sagrado, seja por meio de rituais, experiências místicas ou simbologia religiosa, Eliade argumenta que os seres humanos podem encontrar um sentido mais profundo e uma conexão com algo maior do que eles próprios. Segundo Eliade, em "O Sagrado e o Profano" (2001), o sagrado se refere a uma dimensão transcendente e absoluta, que está além do mundo cotidiano, do mundo profano: algo ordinário, desprovido de qualquer caráter sagrado ou transcendente, o domínio da vida cotidiana, onde as atividades e as relações humanas comuns são realizadas. Ele considera o sagrado como um ponto de referência fundamental para a humanidade, permeando todas as esferas da vida e fornecendo um sentido de significado e orientação. O sagrado é uma dimensão fundamental da experiência humana, proporcionando um sentido de pertencimento, significado e transcendência em meio às complexidades da existência.

Já Fayga Ostrower (1920-2001), teórica da arte, aborda o sentido da vida a partir da perspectiva criativa em "Criatividade e Processos de Criação" (2011). Para ela, o processo artístico e a expressão criativa são essenciais para a existência humana, permitindo-nos transcender nossas limitações e explorar novos significados. Através da arte, somos capazes de expressar nossas emoções mais profundas, questionar a realidade e buscar uma compreensão mais profunda de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. Nesse sentido, Ostrower acredita que o sentido da vida está intrinsecamente ligado à nossa capacidade de criar e apreciar a beleza, encontrando significado através da experiência sensível e estética, por sua vez fruto da criação artística.

Embora essas perspectivas sejam distintas, elas convergem em um ponto central: a busca por algo além do cotidiano, a transcendência e a expressão do próprio ser. Cada um desses pensadores enfatiza diferentes aspectos dessa busca, seja através da religião e dos

rituais, da jornada pessoal ou da expressão artística. No entanto, todas essas abordagens reconhecem a importância de encontrar um propósito mais profundo e uma conexão significativa com algo maior do que nós mesmos, encontrado na busca por tais experiências e manifestações.

Mas para entendermos essa busca constante por sentido, precisamos entender sobre o potencial humano que nos ajuda a enxergar tal sentido: a criação.

No livro "O Caminho do Artista" (2019), Julia Cameron (1948-) define que a criatividade é como o sangue: uma realidade do seu corpo físico, e não uma invenção. Ela diz que a criatividade é uma realidade do nosso corpo espiritual e não fruto da nossa imaginação. (CAMERON, 2019, p.19)

A criação é ir de encontro ao desconhecido. Criar é a capacidade de formar algo novo, tecer conexões entre fragmentos dispersos, tanto da realidade quanto da própria mente, e moldá-los de forma significativa. Fayga Ostrower diz que "o ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar" (OSTROWER, 2011, p. 9).

Fayga comenta, em primeiro lugar, que é necessário reconhecer o potencial que cada pessoa possui para criar e expressar-se de forma única. Esse potencial é influenciado pelo contexto em que estamos inseridos, tanto em termos de conscientização do mundo ao nosso redor, sensibilidade às experiências e estímulos do ambiente, quanto pela consciência das influências culturais que moldam nossa percepção e expressão criativa. Para explorar esse potencial, é essencial a sensibilidade, ou seja, ter a capacidade de perceber, sentir e absorver os estímulos e as informações do ambiente de maneira profunda e significativa. Além disso, é importante estar consciente do processo de criação, entendendo nossos processos mentais, emoções e intenções durante o ato criativo, refletindo sobre nossas escolhas e ações. Fayga diz que a sensibilidade:

É essencial a qualquer forma de vida e inerente à própria condição de vida. Todas as formas vivas têm que estar 'abertas' ao seu meio ambiente a fim de sobreviverem, têm que poder receber e reconhecer estímulos e reagir adequadamente para que se processem as funções vitais do metabolismo, numa troca de energia. (OSTROWER, 2011, p. 12)

O potencial criador é uma capacidade inata presente em todos nós, que nos impulsiona a buscar soluções criativas, expressão e superação de desafios. Julia Cameron afirma a ideia do potencial dizendo: “Sempre ouvi fortes apelos internos. Ordens de comando, como costume chamar.” (CAMERON, 2019, p.19). Tal potencial é uma força motriz que impulsiona o processo de criação, gerando tensão psíquica e energia criativa.

Na introdução da terceira edição de "Frankenstein", publicada em 1831, Mary Shelley descreve intensamente a força inspiradora por trás da criação da extraordinária narrativa:

Quando coloquei minha cabeça no travesseiro, não dormi, nem poderia dizer que pensei. Minha imaginação instintivamente, possuiu-me e guiou-me, trazendo as sucessivas imagens que brotavam em minha mente com uma vivacidade muito além dos laços habituais do devaneio. Vi — como os olhos fechados, mas em uma imagem mental aguçada — o pálido estudioso das artes profanas ajoelhado atrás da coisa que agregará. Vi o terrível espectro de um homem esticado e, então, por obra de um mecanismo potente, observei-o mostrar sinais de vida e agitar-se em um movimento desajeitado, quase vivo. Assustador; porém, supremamente mais apavorante seria o efeito de qualquer esforço humano de escarnecer do estupendo mecanismo do Criador do mundo. (SHELLEY, 2017, p. 28)

Criar é tensão. Como uma corrente elétrica que percorre sua mente, comprimindo-a e impulsionando-a a liberar ou renovar toda essa carga.

Mary Shelley revela a poderosa pulsão que deu origem à notável história. Ela descreve a chama interior que a motivou, uma ideia que ardia em sua mente com uma intensidade irresistível. A narrativa ganhou vida a partir dessa pulsão apaixonada, transcendendo as barreiras da imaginação e se transformando em uma história que ecoaria através dos tempos.

A criatividade não é um processo estático, mas sim uma força em constante potencial. Ela se alimenta dos próprios processos pelos quais se manifesta. O ato de criar não é uma mera dissipação ou esvaziamento pessoal, nem só uma substituição imaginativa da realidade, mas sim uma intensificação do viver e um vivenciar-se no fazer. Ao criar, não substituímos a realidade, mas criamos uma nova realidade que adquire novas dimensões, novos significados e novas formas, através de uma consciência mais elevada e complexa. Nós mesmos nos tornamos essa realidade. E é por isso que o ato de criar é essencial e necessário, pois traz um crescimento interior e uma abertura para sentir a existência. (OSTROWER, p.28).

Fayga desenvolve a relação da criação com o poder de alterar e fazer parte da própria realidade, ela comenta:

[...] criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmo, em níveis de consciência mais elevado e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova. (OSTROWER, p.28)

Fayga compreende que a sensibilidade é patrimônio de todos os seres humanos.

A sensibilidade é uma manifestação essencial da nossa existência. Ela é uma disposição elementar, um permanente estado de excitabilidade sensorial e porta de entrada das sensações que nos liga de modo imediato ao que acontece em torno de nós. Ela nos conecta profundamente ao mundo, proporcionando uma abertura constante para as sensações que nos cercam. Através dela, somos capazes de experimentar o fluxo contínuo da vida e responder aos estímulos do nosso ambiente. Fayga argumenta que o ato criativo está no mesmo nível do da sensibilidade:

[...] por se vincular no ser consciente a um fazer intencional e cultural em busca de conteúdos significativos, a sensibilidade se transforma. Torna-se ela mesma faculdade criadora, pois incorpora um princípio configurador seletivo. Nessa integração que se dá de potencialidades individuais com possibilidades culturais, a criatividade não seria então senão a própria sensibilidade. O criativo do homem se daria ao nível do sensível. (OSTROWER, 2011, p.17)

Ela complementa dizendo que o ato de criar é intrínseco ao viver, tornando assim a vida a própria criação: “No enfoque simultâneo do consciente, cultural e sensível, qualquer atividade em si poderia tornar-se um criar.” (OSTROWER, 2011, p.17)

Ao perceber, ao sentir, não apenas apreendemos o que está fora de nós, mas também nos tornamos conscientes de nós mesmos. É nessa interação entre o mundo e nossa percepção que nos definimos, que nos descobrimos como seres em constante busca de significado e compreensão. Através dessa percepção, mergulhamos no mistério da existência, explorando a complexidade e a beleza inerentes à nossa própria condição.

Eliade (2000), em seu livro "Imagens e Símbolos" (2000) define que o historiador das religiões se distingue do historiador comum ao lidar com fatos históricos que revelam comportamentos que vão além das limitações históricas do ser humano, ou seja, vão até o sentimento. Embora o ser humano esteja sempre situado em uma determinada época, nem

todas as situações que ele experimenta são estritamente históricas, ou seja, condicionadas apenas pelo momento histórico contemporâneo a ele. O ser humano vivencia outras situações além de sua condição histórica, como estados oníricos, de sonho, de melancolia e desprendimento, de beatitude, de estética e de evasão. Todos esses estados são autênticos e tão importantes para a existência humana quanto a situação histórica. Ele comenta:

Todos concordam que um fato espiritual, sendo um fato humano, é necessariamente condicionado por tudo aquilo que concorre para compor um homem, desde a anatomia e a fisiologia até a linguagem. Em outros termos, um fato espiritual pressupõe o ser humano integral, ou seja, a entidade fisiológica, o homem social, o homem econômico, e assim por diante. Todavia, todos esses condicionamentos não conseguem esgotar, por si sós, a vida espiritual. (ELIADE, 2000, p.32)

O ser humano também experimenta diferentes ritmos temporais, não se limitando apenas ao tempo histórico, ou seja, ao seu próprio tempo e contemporaneidade histórica. Através de escutar uma boa música, da contemplação ou da oração, ele é capaz de transcender o presente e se conectar ao espírito, à algo "eterno". Às vezes, basta ler um romance ou assistir a um filme para encontrar um outro ritmo temporal, um tempo contraído que não é equivalente ao tempo histórico. (ELIADE, 2000, p.32)

...o homem pode atravessar o presente, pode compreender o instante atual como extensão mais recente de um passado, que ao tocar no futuro novamente recua e já se torna passado. (OSTROWER, 2011, p.18)

Assim, conclui-se precipitadamente que a autenticidade da existência depende apenas da consciência de sua própria historicidade. No entanto, a consciência histórica desempenha um papel modesto na consciência humana, sem mencionar as zonas do inconsciente que também fazem parte do ser humano integral. Quanto mais desperta uma consciência está, mais ela transcende sua própria historicidade. Mais ela sente.

A sinapse, ponto de conexão entre eletricidade e química, revela-se como o portal essencial da nossa consciência. Através dela que fazemos conexões mentais e sentimos. Além de seu papel vital no processamento de informações e controle corporal, é nesse intrincado encontro que a criatividade se revela. Através das sinapses, novas associações surgem, insights se manifestam e a arte da mente floresce. É o fluxo sutil que transcende a matéria, conectando-nos aos reinos intangíveis da expressão e do conhecimento.

A consciência humana é um processo contínuo de formação e desenvolvimento, em constante evolução. À medida que o ser humano busca sobreviver e interagir com o mundo, ele também passa por transformações. Nesse processo, o ser humano não apenas percebe as mudanças ao seu redor, mas, principalmente, se percebe nelas.

Joseph Campbell (2006) diz que a tradição cartesiana costuma associar a consciência à cabeça, como se a cabeça fosse o único gerador de consciência. No entanto, isso não é verdade. A consciência está presente em todo o corpo. A cabeça funciona como um órgão que direciona e orienta a consciência de acordo com certas direções e propósitos específicos. A consciência molda o mundo ao nosso redor, está presente em toda a vida e é indissociável da energia vital.

Nos processos de conscientização do indivíduo, a memória desempenha um papel fundamental nesse processo, permitindo que recordemos experiências passadas, conhecimentos adquiridos e referências culturais. Essas lembranças são utilizadas como base para a criação, contribuindo para a formação de associações entre diferentes ideias, conceitos e referências. A habilidade de fazer conexões criativas é essencial para integrar elementos diversos em uma nova combinação. (OSTROWER, 2011, p.18)

A cultura também influencia também a visão de vida de cada um. Orientando seus interesses e suas íntimas aspirações, suas necessidades de afirmação, propondo possíveis ou desejáveis formas de participação social, objetivos e ideais, a cultura orienta o ser sensível ao mesmo tempo que orienta o ser consciente. Com isso, a sensibilidade do indivíduo é aculturada e por sua vez orienta o fazer e o imaginar individual. Culturalmente seletiva, a sensibilidade guia o indivíduo nas considerações do que para ele seria importante ou necessário para alcançar certas metas de vida. (OSTROWER, 2011, p.13)

Mas é através da linguagem simbólica, seja verbal ou não verbal, que entendemos como a expressão criativa ocorre. Através dela, podemos comunicar nossas ideias, emoções e pensamentos, utilizando símbolos, metáforas e formas de comunicação simbólica para transmitir significados mais profundos. As formas simbólicas e ordenações interiores são manifestações visuais, sonoras, literárias ou corporais que expressam a criatividade. Essas formas permitem a organização e a estruturação dos pensamentos e sentimentos internos, possibilitando a criação de novas representações e a expressão individual. (OSTROWER, 2011, p.24). Fayga comenta: Assim o homem discrimina, compara, generaliza, abstrai, conceitua. Passa a compreender cada fenômeno como parte de um padrão de referências maior. Ser simbólico por excelência, ele concebe abrangências recíprocas: do único dentro do geral, do geral dentro do único. (OSTROWER, 2011, p.22)

A autora discute a importância dos símbolos e das formas simbólicas tanto na arte como na sobrevivência do ser humano. Segundo ela, os símbolos são elementos que possuem significados múltiplos e profundos, capazes de evocar emoções e despertar reflexões nos seres. Para Fayga, as formas simbólicas são uma linguagem visual única, capaz de transmitir aspectos da realidade que não podem ser adequadamente expressos por palavras. Elas permitem ao ser humano explorar a subjetividade, a abstração e a universalidade, alcançando um nível mais profundo de conexão com o observador. Ela comenta que o ato de simbolizar é de suma importância a sobrevivência humana desde seus primórdios:

Os hominídeos deviam poder comunicar suas experiências. Por meios rudimentares que fossem, em parte imitativos talvez, deviam ter mostrado aos jovens quais pedras que serviam, como lascá-las e como caçar. Sua sobrevivência dependia disso. Só poderiam ter feitos usando algum tipo de expressão simbólica que designasse o objeto presente, a pedra, e também o objeto ausente, a finalidade da ação, o animal. (OSTROWER, 2011, p.14)

Além da sobrevivência, Fayga ressalta que os símbolos são essenciais para a comunicação artística, pois transcendem as limitações da linguagem verbal e se comunicam de maneira direta e intuitiva. Eles podem representar conceitos abstratos, sentimentos, ideias universais e experiências humanas complexas. Além disso, as formas simbólicas, como linhas, cores, texturas e composições, são utilizadas na arte para expressar significados além de sua representação literal. Elas são utilizadas de maneira não realista ou estilizada, carregando consigo uma carga simbólica que amplia e aprofunda a mensagem transmitida pela obra de arte. Ela destaca a pintura como uma forma artística que utiliza símbolos visuais para comunicar conceitos abstratos e dá o exemplo do famoso quadro "A Noite Estrelada" (1889), de Vincent van Gogh (1853-1890), vendo nas estrelas e no céu estilizados o símbolo da profunda inquietação emocional do artista, oferecendo uma representação simbólica de sua condição mental.

Julia Cameron (2019) em "O Caminho do Artista" (2019), defende a exploração criativa e o autoconhecimento através do uso de símbolos e imagens. Ela propõe a prática diária do chamado "páginas matinais", em que os indivíduos escrevem livremente, sem censura, para acessar seu mundo interior e expressar suas emoções de forma simbólica. Um exemplo disso é a utilização de símbolos como árvores, rios ou portas em um exercício de escrita, representando diferentes fases de vida, transições ou oportunidades.

Mircea Eliade (2000), em seus estudos sobre religião, ressalta o papel dos símbolos nas práticas religiosas e na compreensão da dimensão sagrada da vida. Por exemplo, em rituais religiosos de diferentes culturas, a água pode ser simbolicamente associada à purificação, enquanto o fogo pode representar a transformação espiritual. Esses símbolos são utilizados para criar uma conexão com o divino e transcender a realidade cotidiana.

Joseph Campbell (2006), explora a presença de símbolos e mitos em diferentes culturas ao redor do mundo. Ele destaca que os mitos são formas simbólicas que expressam verdades universais sobre a existência humana. Um exemplo famoso é o mito de Prometeu, que simboliza a busca humana pelo conhecimento e a luta contra as restrições impostas pelos deuses. Na visão do autor "Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo." (CAMPBELL, 2006, p.37). Ou apenas contextos cotidianos da vida humana:

CAMPBELL: O fato é que, numa cultura que tenha se mantido homogênea por algum tempo, há uma quantidade de regras subentendidas, não escritas, pelas quais as pessoas se guiam. Há um ethos ali, um costume, um entendimento segundo o qual “não o fazemos dessa maneira”.

MOYERS: Uma mitologia?

CAMPBELL: Uma mitologia não expressa, você poderia dizer. É a maneira como usamos o garfo e a faca, a maneira como lidamos com pessoas, e assim por diante. Nem tudo está escrito nos livros. (CAMPBELL, 2006, p.21)

A relação entre criatividade e mitologia tem sido explorada por diversos teóricos e acadêmicos, como os que até agora foram citados aqui. Cada um desses autores apresenta suas compreensões sobre a natureza da criatividade e sua relação com a dimensão simbólica da existência humana.

Tanto Ostrower quanto Cameron abordam a criatividade como uma forma de expressão que transcende a realidade cotidiana e busca uma conexão com algo maior do que o indivíduo. Essa busca por significado e expressão leva a uma exploração do potencial criativo inerente aos seres humanos, e a criação artística e o engajamento com narrativas míticas desempenham papéis fundamentais nesse processo. A conexão com o sagrado é um aspecto central nessa relação, como destacado por Eliade e Campbell. Os mitos são entendidos como histórias que nos conectam ao sagrado e ao transcendente, proporcionando um canal de comunicação com uma realidade mais profunda e universal. De maneira similar, Ostrower argumenta que a criatividade envolve uma conexão com algo além do eu individual, um

mergulho nas formas simbólicas e arquetípicas que têm raízes nas experiências humanas compartilhadas.

Outro ponto de convergência é a função inspiradora dos mitos e das formas simbólicas. Eliade e Campbell destacam que os mitos são fontes inesgotáveis de inspiração para a arte e a criatividade. Eles fornecem narrativas arquetípicas e simbólicas que podem ser reinterpretadas e expressas de maneiras originais. De forma semelhante, Ostrower explora o potencial criativo das formas simbólicas e arquetípicas, argumentando que elas fornecem uma base sólida para a expressão criativa e incentivam a busca por novas possibilidades de representação. A transformação pessoal também é um elemento comum tanto na visão de Ostrower quanto na abordagem de Eliade e Campbell. Os mitos frequentemente retratam jornadas heróicas e rituais de passagem, nas quais o protagonista passa por uma transformação profunda. Da mesma forma, Ostrower argumenta que a criatividade envolve um processo de autorrenovação e transcendência, no qual o indivíduo se transforma por meio do ato criativo. A criação artística é vista como um caminho para o autodesenvolvimento e a expansão da consciência.

Tanto os mitos quanto a criatividade possuem um caráter universal. Os mitos são encontrados em todas as culturas ao redor do mundo, abordando questões humanas universais e transcendendo as fronteiras culturais. Da mesma forma, Ostrower argumenta que a criatividade é uma capacidade inerente a todos os seres humanos, independentemente de sua origem ou contexto. A universalidade da criatividade é evidenciada pela presença de processos criativos em todas as áreas da atividade humana, desde a arte até a ciência e a tecnologia.

Em síntese, os autores destacam a interconexão entre a criatividade humana e a dimensão simbólica como algo transcendente e universal da existência, uma interconexão que implica que a criatividade não é apenas um processo individual, mas uma expressão coletiva e compartilhada da humanidade. Os mitos e formas simbólicas oferecem um repertório de histórias e imagens arquetípicas que transcendem as limitações culturais e temporais. Eles fornecem um terreno comum que pode ser reinterpretado e reinventado pelos criadores, permitindo a expressão de novas perspectivas e significados. Ao considerar o potencial criativo, Ostrower destaca a importância de explorar as raízes simbólicas e arquetípicas presentes na condição humana. Isso envolve uma imersão na riqueza dos mitos e símbolos culturais, bem como a capacidade de transcender as limitações preexistentes para criar algo novo. Assim como os mitos são recontados e reinterpretados ao longo do tempo, a criatividade permite a renovação contínua da expressão artística e cultural. Destacando assim

a importância de reconhecer e explorar a dimensão simbólica e transcendente da criatividade humana, vemos por meio dessa interconexão que a criatividade não é meramente um processo individual ou técnico, mas uma busca profunda por significado, transformação pessoal e conexão com algo maior do que nós mesmos. Através da criação artística, podemos nos engajar em diálogos universais, expressar nossa singularidade e contribuir para o enriquecimento da cultura humana como um todo.

Nesse contexto, a busca de sentido está intrinsecamente ligada à expressão artística e à capacidade de criar algo que transcenda o ordinário. Tanto as teóricas da criatividade quanto os teóricos do mito enfatizam que a criatividade envolve uma conexão com algo maior do que o eu individual, uma busca por algo que vá além das limitações cotidianas. Os mitos são narrativas carregadas de simbolismo que abordam questões existenciais e universais, como o propósito da vida, a natureza do bem e do mal, a transformação pessoal e a relação com o divino. Eles oferecem um terreno fértil para explorar e refletir sobre a busca de sentido do ser humano, pois contêm elementos arquetípicos que ressoam em diversas culturas e épocas. Da mesma forma, a criatividade permite que os indivíduos se engajem nessa busca de sentido ao expressar suas experiências, emoções e ideias de maneira única e autêntica. Através da criação artística, é possível explorar e comunicar as dimensões mais profundas da existência, transmitindo mensagens e significados que vão além das palavras e conceitos convencionais. Além disso, a transformação pessoal é outro aspecto importante nessa relação. Tanto os mitos quanto a criatividade envolvem uma jornada de autodescoberta, crescimento e transformação. Ao se envolver nesses processos e manifestações, os indivíduos podem encontrar novas perspectivas, superar desafios e expandir sua consciência, contribuindo assim para a busca de sentido em suas vidas.

Fruto

Nesse processo, temos a arte e o mito como produtos da criatividade humana. Expressões que buscam transcender a realidade e dar significado à existência. Ambas desempenham um papel fundamental na cultura e na formação da identidade humana, permitindo que as emoções, ideias e experiências sejam compartilhadas e compreendidas. Através da arte e do mito, o ser humano expande suas fronteiras criativas e perpetua a conexão entre o individual e o coletivo, enriquecendo assim o seu universo simbólico e cultural. A arte permite a materialização da imaginação e a transmissão de emoções, enquanto o mito busca explicar a origem e o propósito da existência humana. Ambos são formas simbólicas de transcender a realidade e oferecer significado à vida.

O que é arte? O que é mito?

A arte é um fragmento da criação. O mito é a narrativa de uma criação. Ambos são modos de contar como algo começou a ser.

Temos que encarar a arte, não em termos da prosa comum do dia-a-dia, mas em termos de poesia [...] (JANSON, 2001, p.14)

A arte, como discutida por Ernst Gombrich (2013), renomado historiador da arte, em "A História da Arte" (2013), é um meio fundamental no qual a busca de sentido encontra expressão. Através da arte, os indivíduos comunicam e exploram sua compreensão da realidade, transmitindo mensagens e significados que vão além das palavras e conceitos convencionais. A arte convida os espectadores a contemplar, interpretar e encontrar significado em suas próprias vidas, proporcionando um espaço para reflexão, emoção e conexão com as experiências humanas universais. Ele argumenta:

Uma coisa que realmente não existe é aquilo a que se dá o nome de Arte. Existem somente artistas. Outrora, eram homens que apanhavam terra colorida e modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna; hoje, alguns compram suas tintas e desenham cartazes para os tapumes; eles faziam e fazem muitas outras coisas. Não prejudica ninguém chamar a todas essas atividades arte, desde que conservemos em mente que tal palavra pode significar coisas muito diferentes, em tempos e lugares diferentes, e que Arte com A maiúsculo não existe. Na verdade, Arte com A maiúsculo passou a ser algo de um bicho-papão e de um fetiche. Podemos esmagar um artista dizendo-lhe que o que ele acaba de fazer pode ser

muito bom no seu gênero, só que não é "Arte". E podemos desconcertar qualquer pessoa que esteja contemplando com prazer um quadro, declarando que aquilo de que ela gosta não é Arte, mas algo muito diferente. (GOMBRICH, 2013, p.11)

Horst Waldemar Janson (1913-1982), renomado historiador da arte, em seu livro “História Geral da Arte” (2001), define a arte como uma expressão criativa e intencional da imaginação humana em formas visuais, sonoras ou táteis, que visam transmitir uma ideia, uma emoção ou uma mensagem. Ele destaca que a arte abrange uma ampla variedade de formas e estilos, desde a pintura e escultura até a arquitetura, música e dança. Cada forma de arte possui suas próprias características técnicas, estéticas e históricas, refletindo a diversidade cultural e os valores de uma sociedade específica. Janson também enfatiza que a arte não é apenas uma manifestação individual, mas está ligada ao contexto cultural, histórico e social no qual é produzida. Ela reflete as influências e tendências de uma época, bem como os aspectos políticos, religiosos e filosóficos de uma sociedade. Além disso, ressalta que a arte é apreciada e interpretada pelos espectadores, que podem atribuir significados individuais e subjetivos às obras de arte. A experiência estética e a interação com a arte são fundamentais para a compreensão e apreciação de sua importância e impacto. Janson explica:

A arte, porém, é muito mais do que decoração, carregada como está de significado, ainda quando esse significado é pobre ou obscuro. A arte permite-nos transmitir a nossa percepção de coisas que não podem ser expressas de outra forma. Na verdade, um quadro vale milhares de palavras, não só pelo seu valor descritivo, mas ainda pela sua importância simbólica. Na arte, como na linguagem, o homem é acima de tudo um criador de símbolos, através dos quais nos transmite, de um modo novo, pensamentos complexos. Temos que encarar a arte, não em termos da prosa comum do dia-a-dia, mas em termos de poesia, que tem a liberdade de reordenar a sintaxe e o léxico convencionais, de modo a transmitir novos e múltiplos significados e estados de espírito. (JANSON, 2001, p.14)

Em síntese, as definições de arte de ambos convergem ao enfatizar a arte como resultado da criatividade e da capacidade humana de criação. Essas definições ressaltam a importância da criatividade como um elemento fundamental na criação artística. Através da imaginação, experimentação e domínio técnico, os artistas são capazes de dar forma a conceitos abstratos e transformar materiais em obras de arte bastante significativas. A criação artística envolve a habilidade de reinterpretar o mundo, romper com convenções e trazer

novas perspectivas tanto para os artistas quanto para os espectadores. Dessa forma, a arte é um testemunho da capacidade humana de gerar e expressar ideias únicas, expandindo os limites do conhecimento e da percepção estética.

Quer dizer que contamos histórias para tentar entrar em acordo com o mundo, para harmonizar nossas vidas com a realidade? (CAMPBELL, 2006, p.16)

O mito, para Eliade (2010), estabelece a relação do ser humano com as manifestações do mundo. Ele as define como histórias verdadeiras, pois referem-se à realidade que vivenciamos empiricamente, ou seja, fruto do contato e conhecimento advindo através da experiência sensorial, do puro sentido físico, tátil, concreto. Ele argumenta que "O mito cosmogônico é "verdadeiro" porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente "verdadeiro" porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante". (ELIADE, 2010, p. 12)

Em “Mito e Realidade” (2010) ele assume que a mitologia deve ser compreendida com a mesma entonação que nossos antepassados, assumindo que “Compreendê-las equivale a reconhecê-las como fenômenos humanos, fenômenos de cultura, criação do espírito - e não como irrupção patológica de instintos, bestialidade ou infantilidade.” (ELIADE, 2010, p.10). E assim podemos, através deles, tentar compreender a condição da nossa existência atual:

Nossa pesquisa terá por objeto, em primeiro lugar, as sociedades onde o mito é - ou foi, até recentemente - "vivo" no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência. Compreender a estrutura e função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos. (ELIADE, 2010, p.8)

Campbell (2006) também destaca os mitos como fruto da potencialidade criativa humana:

Os mitos, ao modo da expressão artística, dos sonhos, da experiência religiosa, dão manifestação a essas potências carregadas de afeto em nós para que não sejamos aniquilados por elas, mas para que o invisível, o atmosférico, o volátil, ganhe forma em vias de expressão criativa, e assim possamos, cada um de nós, nos conectar ou

reconectar à humanidade e à terra tornando-nos sua expressão mais singular. Expressão singular de potências coletivas. Jung nomeou esse processo “individuação”. (CAMPBELL, 2006, p.)

O que revelam os mitos?

Segundo Eliade "Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje - um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, com determinadas regras." (ELIADE, 2010, p.16)

Os mitos são histórias do mundo. Narram fatos que vagam na memória de civilizações, complexas ou não, e ilustram realidades que existiram ou ainda existem, tanto em totalidade ou apenas em fragmentos, representando manifestações da humanidade através do seu tempo no mundo. Os mitos são pistas. Vestígios de formas, símbolos, imagens e sonhos deixados por nossos antepassados, desde a pré-história, em gestos, artefatos e manifestações artísticas, testemunhando os eventos mais antigos da humanidade até chegaram até nós, indivíduos contemporâneos. Os mitos são vestígios de civilizações e sociedades que foram, são e virão a ser. Eliade (2010) atribui função aos mitos ao dizer que:

[...] a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria. Essa concepção não é destituída de importância para a compreensão do homem das sociedades arcaicas e tradicionais, [...] (ELIADE, 2010, p.13)

A presença das representações mitológicas na arte, no cinema, nos livros e em outras formas de expressão tem sido uma constante ao longo da história. Mitos e lendas, provenientes de diversas culturas antigas, exerceram e ainda exercem um fascínio sobre os criadores antigos e contemporâneos, influenciando suas obras de maneiras diversas.

Na arte, a mitologia se manifesta através de pinturas, esculturas e outras formas de expressão visual. Um exemplo notável é a pintura "O Nascimento de Vênus" (1486) de Sandro Botticelli (1445-1510) que retrata a deusa Vênus emergindo das águas do mar. Com uma paleta de cores suaves e detalhes minuciosos, Botticelli captura a essência da mitologia e evoca o amor, a beleza e a criação relacionada ao mito da deusa. Na escultura, temos "David" (1504) de Michelangelo (1475-1564), obra que retrata o herói homônimo da mitologia

judaico-cristã. Essa representação icônica transmite não apenas a força física de David, mas também evoca sua coragem e determinação diante a um desafio.

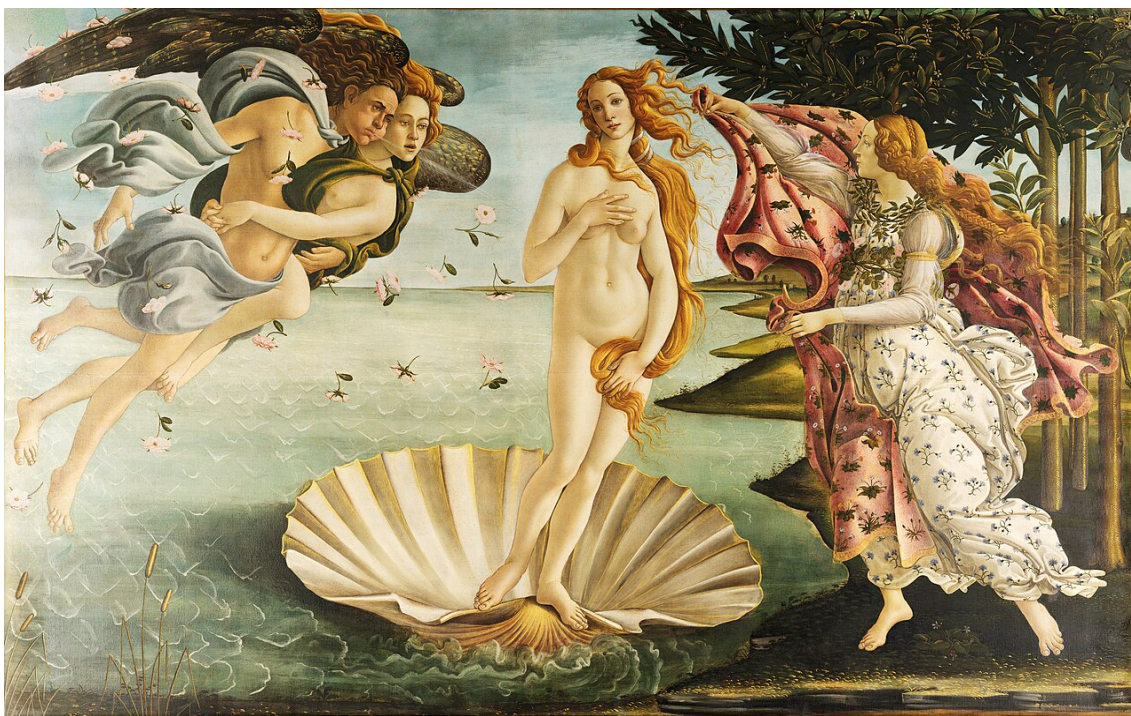


Figura 1 - BOTICELLI, Sandro (1445 - 1510) O Nascimento de Vênus. Têmpera sobre tela, 172.5 x 278.5 cm, Galeria Uffizi, Florença: 1484 - 1486. Fonte: Google Arts & Culture



Figura 2 - BUONAROTTI, Michelangelo (1475 - 1564) David. Escultura em mármore, 517 cm de altura, Galleria dell'Accademia, Florença: 1501 - 1504. Fonte: Google Arts & Culture

No cinema, mitos e personagens míticos são frequentemente adaptados para as telas, criando narrativas que ressoam com o público contemporâneo. A franquia "Star Wars" (1977-) é um exemplo notável, com sua abordagem épica e arquetípica, incorporando elementos de diversas mitologias e histórias antigas. O personagem de Darth Vader, por exemplo, reflete o arquétipo do herói trágico, com suas origens obscuras e sua jornada em busca de redenção.

Na literatura, os mitos também têm sido fonte de inspiração para inúmeros escritores.

Na poesia, podemos citar exemplos como Hesíodo, um poeta grego do século VIII a.C., conhecido por sua obra "Teogonia", na qual descreve a origem e genealogia dos deuses gregos. Seu poema traça a linhagem divina desde o princípio do mundo até o estabelecimento da ordem divina no Monte Olimpo. A mitologia grega permeia cada verso de sua poesia, proporcionando uma base mitológica rica para entender as crenças e tradições da época. Ovídio, um poeta romano do século I a.C., é famoso por sua obra épica "Metamorfoses". Nessa obra, Ovídio reconta uma série de mitos e lendas da mitologia greco-romana, explorando as transformações e narrativas mitológicas que envolvem deuses, heróis e mortais. Seu trabalho literário é uma amálgama de poesia e mitologia, oferecendo uma visão abrangente das histórias e figuras mitológicas que moldaram a cultura greco-romana.

Dante Alighieri (1265-1321), poeta italiano, em sua obra "A Divina Comédia" (1308-1321), incorporou elementos mitológicos ao descrever sua jornada pelo Inferno, Purgatório e Paraíso. William Shakespeare também faz referências mitológicas em suas peças, como em "Sonho de uma Noite de Verão", onde os personagens se envolvem em enredos e equívocos inspirados na mitologia greco-romana. Em "Paraíso Perdido" (1667), épico inglês, John Milton (1608-1674) se inspira na mitologia cristã e em elementos da mitologia clássica para contar a história da queda do ser humano, a rebelião de Lúcifer e a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden. Ao longo da narrativa, Milton também faz referências a mitos clássicos, como a história de Prometeu, que compartilha semelhanças com a queda de Lúcifer. Através dessas alusões mitológicas, ele enriquece sua obra com uma profundidade simbólica, evocando a riqueza e a complexidade dos mitos antigos para explorar questões fundamentais da condição humana.

Já na literatura moderna, temos exemplos marcantes e bem populares mundialmente. "O Senhor dos Anéis" (1954-1955) de J.R.R. Tolkien (1892-1973) baseou-se em mitologias antigas, como a nórdica e a celta, para criar seu mundo fictício, repleto de personagens épicos, criaturas mágicas e uma narrativa complexa. "Percy Jackson" (2005-2009) é uma série de livros de fantasia escrita por Rick Riordan (1964-), que segue as aventuras de Percy Jackson, um semideus filho de Poseidon, em suas missões mitológicas nos EUA moderno. "Deuses Americanos" (2001) é um romance de Neil Gaiman (1960-) que explora um conflito entre deuses antigos e novos, também ambientado nos EUA moderno, apresentando uma visão única da mitologia e reflexões sobre crenças e identidade cultural.

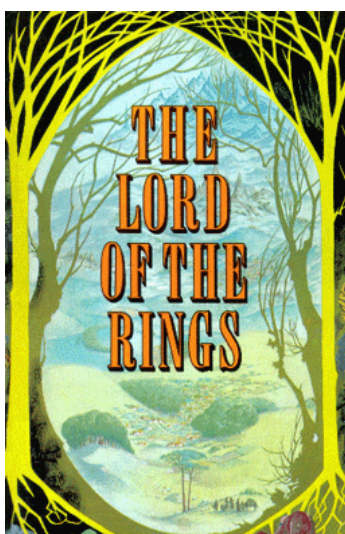


Figura 3 -

TOLKIEN, J.R.R. (1892 - 1973)

O Senhor dos Anéis

Fonte: Pinterest

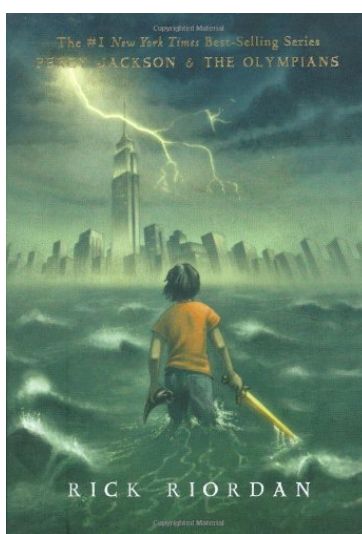


Figura 4 -

RIORDAN, Rick (1964 -)

Percy Jackson e os Olimpianos

Fonte: Pinterest

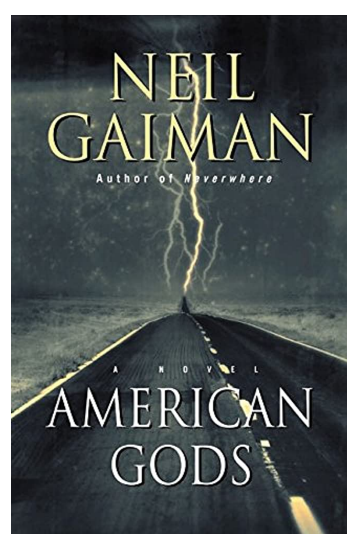


Figura 5 -

GAIMAN, Neil (1960 -)

Deuses Americanos

Fonte: Pinterest

Nas histórias em quadrinhos, temos "The Sandman" (1989-1996), renomada série criada por Neil Gaiman e publicada pela DC Comics. A obra apresenta uma abordagem única sobre mitologia ao explorar o reino dos sonhos e a figura central de Sandman, também conhecido como Morfeu ou Sonho. Gaiman incorpora elementos mitológicos de diversas culturas ao longo da série, como a mitologia grega, nórdica, egípcia, entre outras, e por meio de enredos complexos e personagens cativantes, tece uma narrativa interligada que explora mitos, lendas e histórias folclóricas de diferentes tradições. Ele utiliza a mitologia como uma ferramenta narrativa para explorar temas universais, como a natureza humana, o poder dos sonhos, a vida e a morte, a criação e a destruição. Ao mesclar mitos antigos com elementos

contemporâneos, ele cria uma mitologia moderna que cativa e envolve os leitores, transcendendo as fronteiras dos quadrinhos, tornando-se uma obra de referência no mundo da literatura e da cultura pop, estabelecendo um marco na forma como os quadrinhos podem explorar e reinventar histórias mitológicas, oferecendo uma perspectiva contemporânea e impactante sobre essas antigas narrativas.

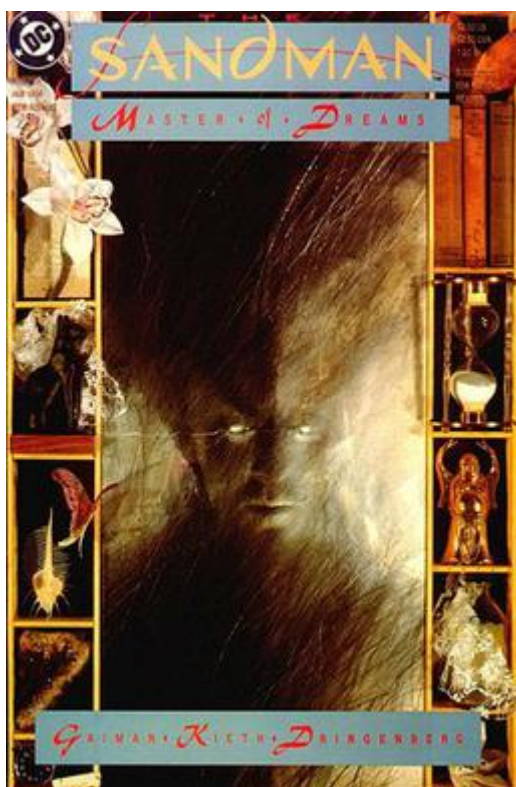


Figura 6 - Capa da edição #1 de The Sandman (1989)

Fonte: Pinterest



Figura 7 - Página de The Sandman #7

Fonte: Pinterest

Na música, por exemplo, podemos citar artistas como Björk (1965-), que incorpora elementos mitológicos islandeses em suas composições, e bandas de metal sinfônico, como Nightwish (1996), que exploram temas épicos e mitológicos em suas letras.

Essas representações transcendem fronteiras temporais e culturais, fornecendo um meio poderoso para explorar temas universais, como o heroísmo, a luta contra o mal e a busca pela sabedoria. Ao revitalizar esses mitos e narrativas antigas, os criadores contemporâneos conectam-se a uma tradição compartilhada e oferecem uma nova perspectiva sobre questões atemporais, permitindo que o público explore o passado enquanto reflete sobre o presente.

Já o tema da criação, em específico, tem sido um assunto popular nas artes e na mitologia ao longo da história, inspirando culturas, sociedades e artistas a criar obras que

exploram diversos aspectos desse conceito. Na mitologia, os mitos de criação desempenham um papel significativo. Esses mitos, presentes em diversas culturas ao redor do mundo, oferecem narrativas complexas e simbólicas sobre o surgimento do universo, dos seres humanos e da ordem cósmica. Por exemplo, o mito grego de Prometeu traz a história de como o titã roubou o fogo dos deuses para entregá-lo aos humanos, concedendo-lhes o poder da criação e o conhecimento. Esse mito inspirou não apenas a literatura, mas também a arte, sendo representado em esculturas, pinturas e até mesmo em filmes.

Hesíodo foi um poeta grego antigo, que viveu por volta do século VIII a.C. Ele é conhecido por suas obras poéticas, sendo uma das mais importantes a "Teogonia" (1995), um poema épico que narra a origem e a genealogia dos deuses gregos, assim como as histórias mitológicas relacionadas à criação do mundo e ao governo dos deuses no Monte Olimpo. Dentro da "Teogonia", Hesíodo também apresenta o mito de Prometeu. Prometeu é uma figura central na mitologia grega e é conhecido por ter roubado o fogo dos deuses para entregá-lo aos humanos, além de ter desafiado Zeus, o rei dos deuses. Prometeu é castigado por Zeus e acorrentado a uma montanha, onde uma águia vem diariamente devorar seu fígado, que se regenera a cada noite, perpetuando seu sofrimento. Tal poema descreve o castigo e a bravura de Prometeu, assim como as implicações desse mito na relação entre deuses e humanos, destacando a capacidade dos seres humanos de desafiar e enganar os deuses em busca de poder e conhecimento.

No trecho a seguir, Zeus, o rei dos deuses, dirige-se a Prometeu, filho de Jápeto, reconhecendo sua habilidade e astúcia. Zeus expressa sua raiva por Prometeu não ter esquecido a habilidade de enganar. Zeus, enfurecido, decide negar aos humanos mortais o acesso ao fogo, uma fonte de poder e conhecimento que Prometeu roubou dos deuses. No entanto, Prometeu, corajoso e esperto, engana Zeus ao esconder o fogo dentro de uma vara oca (férula). Isso causa grande indignação a Zeus, pois ele vê os humanos desfrutando do brilho do fogo, algo que ele considera exclusivo dos deuses. Esse ato de Prometeu enraivece Zeus e desencadeia consequências significativas para Prometeu e a humanidade.

Para a leitura completa do poema, consulte o texto presente no apêndice 1 ao final deste trabalho. Adentramos ao trecho:

E colérico disse-lhe Zeus agrega-nuvens:
 “Filho de Jápeto, o mais hábil em seus desígnios,
 ó doce, ainda não esqueceste a dolosa arte!”.
 Assim falou irado Zeus de imperecíveis desígnios,
 depois sempre deste ardil lembrado
 negou nos freixos a força do fogo infatigável
 aos homens mortais que sobre a terra habitam.
 Porém o enganou o bravo filho de Jápeto:
 furtou o brilho longevivo do infatigável fogo
 em oca fêrula; mordeu fundo o ânimo
 a Zeus tonítuo e enraivou seu coração
 ver entre homens o brilho longevivo do fogo.
 (HESÍODO, 1995, p.103)

Da mesma forma, o mito nórdico da árvore do mundo, Yggdrasil, descreve a criação e a estrutura do universo através dos seus galhos, raízes e habitantes divinos. Essa narrativa mitológica influenciou tanto a literatura escandinava quanto a representação artística, transmitindo uma visão única e poética da origem do mundo. Os mitos de criação chineses também são uma fonte rica de inspiração. A lenda de Pangu, por exemplo, conta como um ser primordial emergiu do caos e dividiu o céu e a terra, criando assim a ordem cósmica. Essa história oferece uma perspectiva profunda sobre o processo criativo e a harmonia entre o divino e o terreno.

Os mitos de criação fornecem um substrato cultural e simbólico para a exploração artística do tema, permitindo que os artistas explorem a relação entre o sagrado e o profano, a ordem e o caos, a transcendência e a materialidade. Eles despertam a imaginação e convidam o público a refletir sobre as origens e os mistérios da existência, agregando camadas de significado às obras de arte que abordam o tema da criação. Esses mitos, presentes em diversas culturas ao redor do mundo, oferecem narrativas complexas e simbólicas sobre o surgimento do universo, dos seres humanos e da ordem cósmica. Além disso, desempenham um papel significativo na abordagem do tema da criação nas artes.

Na pintura, obras como "A Criação de Adão" (1508-1512) de Michelangelo Buonarroti (1475-1564), "O Jardim das Delícias Terrenas" (1490-1500) de Hieronymus Bosch (1450-1516), "O Último Julgamento" (1536-1541) de Michelangelo Buonarroti (1475-1564), "O Retábulo de Gante" (1432) de Jan van Eyck (1390-1441) e "A Expulsão do Paraíso"

(1445-1450) de Giovanni di Paolo (c. 1403-1482) retratam a criação divina através da mitologia cristã.

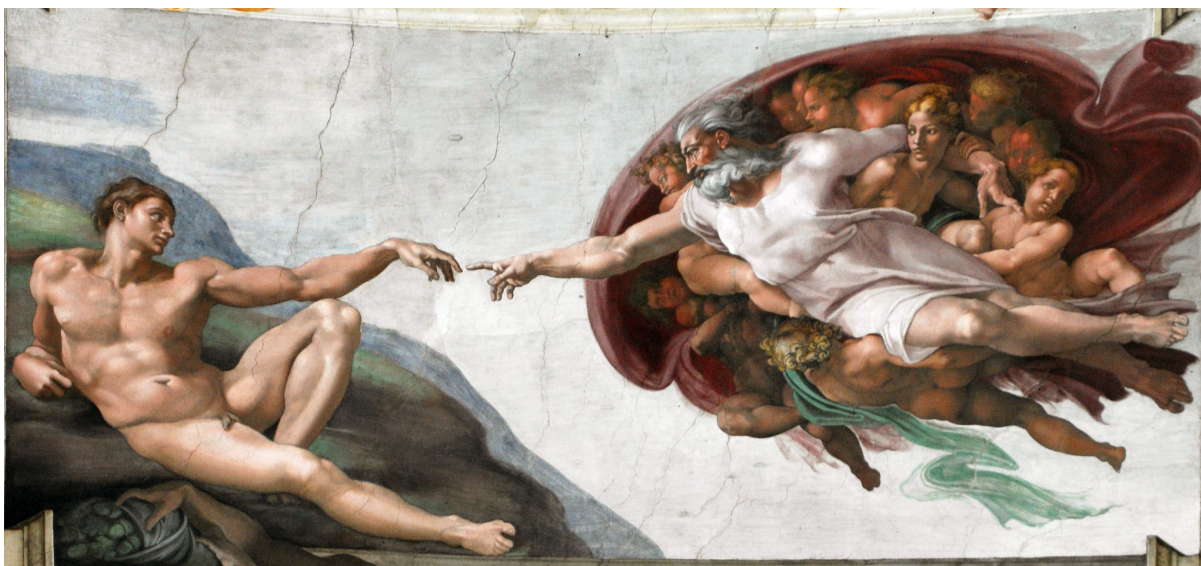


Figura 8 - BUONAROTTI, Michelangelo (1475 – 1564) A criação de Adão. Afresco, 280 x 570, Teto da Capela Sistina, Roma: 1508 – 1512. Fonte: Google Arts & Culture

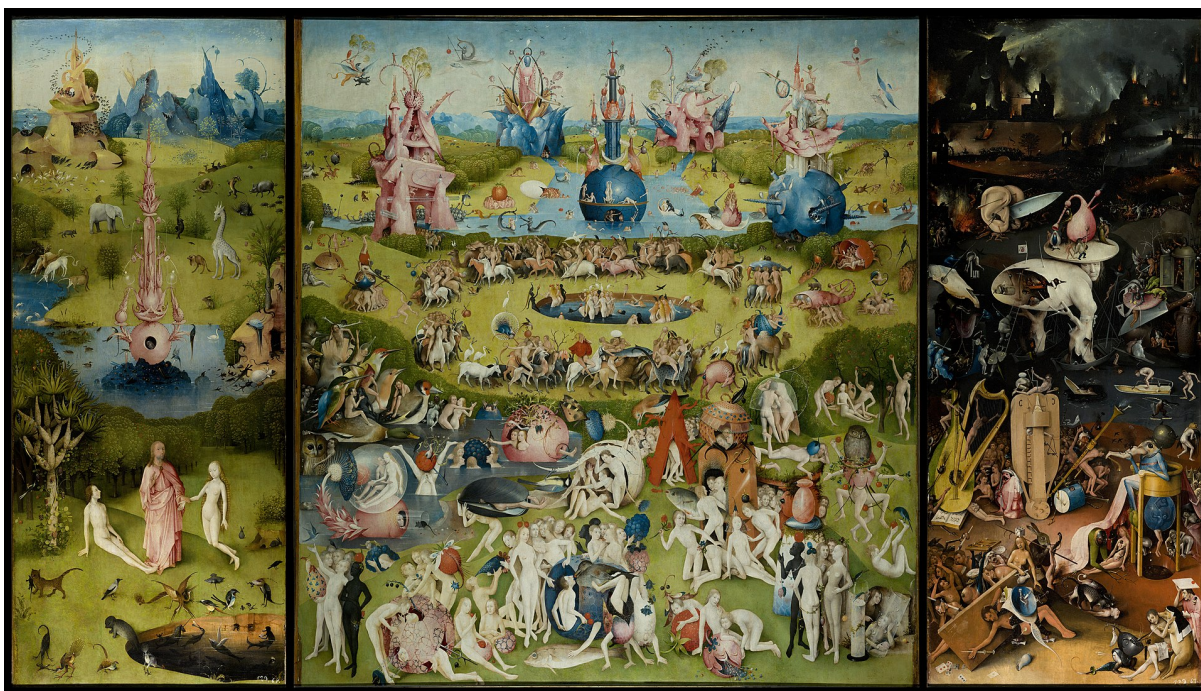


Figura 9 - BOSCH, Hieronymus. (1500-1505). O Jardim das Delícias. Óleo sobre madeira, 220 x 389 cm, Museu do Prado, Madri. Fonte: Google Arts & Culture

No cinema, filmes como "2001: A Space Odyssey" (1968), "The Tree of Life" (2011), "Noah" (2014), "Prometheus" (2012) e "The Fountain" (2006) abordam o tema da criação sob diferentes perspectivas, incluindo a criação artificial, a engenharia genética e a criação humana.



Figura 10 - 2001: A Space Odyssey (1968)

Stanley Kubrick

Fonte: IMDb



Figura 11 - Prometheus (2012)

Ridley Scott

Fonte: IMDb

Na literatura, encontramos obras que exploram a criação em diversos contextos. A mitologia apresenta os mitos de criação de diferentes culturas ao redor do mundo, enquanto a literatura bíblica retrata o relato da criação no livro de Gênesis na Bíblia Cristã. O livro "Frankenstein" (1818) de Mary Shelley (1797-1851) aborda a criação de vida por meios científicos, enquanto "Brave New World" (1932) de Aldous Huxley (1894-1963) explora a criação de seres humanos por meio da engenharia genética.

Esses temas demonstram as diferentes maneiras pelas quais artistas e escritores têm explorado o tema da criação em suas obras, desde histórias religiosas e mitológicas até explorações científicas e artísticas do conceito. A criação é um tema rico e multifacetado que continua a inspirar e intrigar artistas e público ao longo dos séculos.

Portanto, assumindo que a mitologia e a arte são manifestações da busca de sentido realizada pela humanidade, podemos enxergá-las como frutos da criatividade humana. A criatividade permite a expressão individual e a exploração de significados pessoais, enquanto

a mitologia oferece um repertório compartilhado de narrativas simbólicas e arquetípicas. A arte, por sua vez, convida os espectadores a se engajarem na busca de sentido, fornecendo um espaço para reflexão, interpretação e descoberta de significados pessoais e universais. Coletivamente, esses conceitos alimentam a contínua busca por significado e propósito na vida humana.

Consequentemente, a arte e o mito desempenham um papel fundamental na constituição do cosmo da humanidade. Eles contribuem para a construção de narrativas e sistemas de crenças que organizam e estruturam a visão de mundo das culturas. A arte, por meio de suas diversas formas, como pintura, escultura, música, dança e literatura, oferece uma maneira de explorar e representar simbolicamente a experiência humana, criando imagens e formas que transcendem a realidade concreta e permitem que os seres humanos se conectem com algo além do material. Através da arte, os artistas expressam suas visões de mundo, suas emoções e percepções, e compartilham-nas com a sociedade. Por exemplo, a pintura renascentista "A Criação de Adão" (1508-1512), retrata o momento em que Deus dá vida a Adão através de um toque de seus dedos. Essa obra de arte representa simbolicamente a criação do ser humano, a conexão entre o divino e o humano, e a relação entre o cosmo espiritual e o terreno. Ela contribui para a constituição do cosmo da humanidade ao transmitir uma visão de mundo que inclui a presença de forças divinas e a importância da espiritualidade na existência humana.

Da mesma forma, os mitos são narrativas simbólicas que têm como função explicar a origem do mundo, a natureza humana, os fenômenos naturais e as relações entre os seres humanos e os deuses. Eles fornecem um sistema de crenças e valores que estrutura o cosmo cultural de uma sociedade. Os mitos são transmitidos oralmente ou por meio de textos e são considerados relatos que conectam a humanidade. Um exemplo de mito é o mito da criação do mundo na mitologia nórdica, em que o mundo é formado a partir do corpo de um gigante primordial. Esse mito descreve a origem do cosmo nórdico, os seres divinos que o habitam e as interações entre eles. Ele fornece uma estrutura simbólica que orienta a compreensão da realidade pelos indivíduos dentro dessa cultura, influenciando sua visão de mundo, suas práticas religiosas e sua organização social.

Arte e mito ajudam a moldar as visões de mundo, a estruturar a compreensão da realidade e a estabelecer conexões com o sagrado e o transcendente. Através deles, os seres humanos constroem um cosmo simbólico que dá sentido à sua experiência e proporciona uma base para sua organização cultural, religiosa e social.

E assim a humanidade forma seu cosmo.

O Cosmo

I created this world to feel some control

[Tradução: Eu criei este mundo para sentir algum controle]

(Bandito - Twenty One Pilots)

Mircea Eliade, em suas obras, explora o conceito de "cosmo" como uma dimensão fundamental da experiência humana e do pensamento mítico. Para Eliade, o cosmo representa uma realidade ordenada, um mundo que é concebido como um modelo exemplar e significativo. O cosmo, de acordo com Eliade, é uma representação simbólica do universo em sua totalidade. É uma expressão do sagrado e uma tentativa de compreender a estrutura e a ordem cósmica subjacente à realidade. O cosmo mitológico é habitado por seres divinos, heróis e entidades arquetípicas, e é permeado por uma hierarquia de significados e valores.

Um exemplo de cosmo na mitologia pode ser encontrado na cosmogonia grega. Segundo a mitologia grega, o cosmo é concebido como uma estrutura hierárquica composta pelos deuses do Olimpo, semideuses, heróis e seres mortais. Cada divindade ocupa seu papel e função específicos dentro desse sistema ordenado, refletindo a harmonia e a organização do universo. A mitologia grega fornece uma visão cosmológica que busca explicar a origem do mundo e as interações entre os seres divinos e mortais. Outro exemplo é encontrado nas cosmologias indígenas, como a dos povos nativos americanos. Para muitas dessas culturas, o cosmo é concebido como uma teia interconectada de relacionamentos e interações entre seres humanos, animais, espíritos e a natureza. Cada elemento desse cosmo possui sua própria essência e propósito, contribuindo para a harmonia e o equilíbrio do todo.

Esses exemplos ilustram como o conceito de cosmo, conforme abordado por Mircea Eliade, permeia diversas culturas e mitologias ao redor do mundo. Ele representa uma tentativa de compreender e atribuir significado à realidade, fornecendo uma estrutura simbólica e uma visão de mundo que transcendem a simples descrição física do universo. O cosmo mitológico é um mapa que orienta os seres humanos em sua busca sentido..

Em “O Sagrado e o Profano” (2001) ele estabelece o cosmos no sentido de morada:

Já dissemos bastante acerca do significado religioso da morada humana para que certas conclusões se imponham por si mesmas. Tal como a cidade ou o santuário, a casa é santificada, em parte ou na totalidade, por um simbolismo ou um ritual cosmológicos. É por essa razão que se instalar em qualquer parte, construir uma aldeia ou simplesmente uma casa representa uma decisão grave, pois isso compromete a própria existência do homem: trata-se, em suma, de criar seu próprio “mundo” e assumir a responsabilidade de mantê-lo e renová-lo. Não se muda de

ânimo leve de morada, porque não é fácil abandonar seu “mundo”. “A habitação não é um objeto, uma máquina para habitar”; é o Universo que o homem construiu para si, imitando a Criação exemplar dos deuses, a cosmogonia. Toda construção e toda inauguração de uma nova morada equivalem de certo modo a um novo começo, a uma nova vida. E todo começo repete o começo primordial, quando o Universo viu pela primeira vez a luz do dia. Mesmo nas sociedades modernas, tão fortemente dessacralizadas, as festas e os regozijos que acompanham a instalação numa nova morada guardam ainda a reminiscência da exuberância festiva que marcava, outrora, o *incept vit nova*. (ELIADE, 2001, p.54)

A relação entre o conceito de cosmo e o ato da humanidade constituir o mundo pode ser compreendida a partir da perspectiva da criação e organização simbólica. Eliade argumenta que os seres humanos têm uma necessidade inata de constituir o mundo ao seu redor por meio de símbolos e narrativas significativas. Nesse processo de constituição, eles estabelecem uma visão cosmológica que reflete sua compreensão da realidade. Ao construir sistemas mitológicos e cosmogonias (narrativas que explicam a origem e a formação do universo, envolvendo mitos, divindades e processos naturais), os seres humanos criam estruturas que permitem que os indivíduos se situem dentro do cosmo e compreendam seu lugar e propósito dentro dessa ordem maior.

Por exemplo, nas mitologias antigas, como a grega e a egípcia, os deuses desempenham um papel fundamental na constituição do mundo. Suas ações e interações moldam o cosmo, estabelecendo sua ordem e hierarquia. Os mitos narram a criação do mundo e a emergência dos seres humanos, fornecendo uma estrutura simbólica através da qual os indivíduos podem compreender sua existência e seu papel no mundo. Da mesma forma, nas culturas contemporâneas, a humanidade constitui o mundo por meio de narrativas, crenças e práticas culturais. Além disso, através da criação artística, religiosa, científica e tecnológica, os seres humanos moldam e organizam sua realidade. As obras de arte, como pinturas, esculturas e músicas, constituem uma expressão criativa que reflete a visão de mundo e os valores de uma determinada cultura ou época. Essas criações artísticas comunicam simbolicamente a compreensão e a experiência do cosmo, oferecendo perspectivas únicas. Da mesma forma, os sistemas religiosos e filosóficos também contribuem para a constituição do mundo, fornecendo estruturas de significado que orientam a vida e as interações humanas.

Em resumo, a relação entre o conceito de cosmo de Mircea Eliade e o ato da humanidade constituir o mundo reside na compreensão de que os seres humanos buscam organizar e dar significado à sua existência através da criação de grandes estruturas

simbólicas, como mitos, narrativas e sistemas culturais. Essas construções refletem a visão de mundo e a compreensão da realidade, fornecendo uma base para a experiência e a interação humanas dentro desse cosmo.

Mundo

A existência humana é profundamente influenciada e organizada pelo tempo histórico. O tempo histórico é a estrutura temporal na qual os eventos, transformações e desenvolvimentos da sociedade são registrados e compreendidos. Ele nos permite traçar uma linha cronológica dos acontecimentos que moldam a história da humanidade e nos fornece um contexto para entender as mudanças sociais, políticas, culturais e tecnológicas ao longo dos períodos de tempo. Através dele, podemos estudar e analisar o progresso humano, os avanços científicos, as conquistas culturais e os desafios enfrentados pelas diferentes civilizações ao longo dos séculos. É por meio dele que construímos nossa noção de identidade e pertencimento, conhecemos nossas raízes, nossas origens e aprendemos com as experiências passadas. O estudo da história nos permite compreender os erros e acertos do passado, para que possamos evoluir.

O tempo histórico também nos ajuda a desenvolver uma consciência coletiva, ao reconhecermos que fazemos parte de uma linha contínua de eventos que se desdobram ao longo do tempo. Somos herdeiros das ações daqueles que vieram antes de nós e temos a responsabilidade de moldar o mundo para as gerações futuras. No entanto, também é importante lembrar, e como abordamos anteriormente, a existência humana não se limita apenas ao tempo histórico. Há uma dimensão mais profunda e complexa na experiência humana, que transcende a noção linear do tempo. Essa dimensão abrange aspectos como a espiritualidade, as experiências individuais, os valores pessoais e as conexões emocionais.

Mas agora, avançando um pouco no tempo histórico, além da mitologia antiga, temos a modernidade, construção histórica que se desenvolve ao longo do nosso tempo histórico. E é através da compreensão dela que iremos analisar as mudanças e continuidades que deram não só origem ao “Prometeu Moderno”, como a problemática encontrada no estudo desse projeto.

A modernidade é um período histórico que se estendeu aproximadamente do final do século XVIII até meados do século XX. É marcado por uma série de mudanças sociais, culturais, políticas e tecnológicas que tiveram um impacto significativo em várias áreas, incluindo a arte e a literatura. A origem da modernidade pode ser traçada a partir da Revolução Industrial, que trouxe consigo avanços tecnológicos e mudanças nas relações de

produção. Isso levou a transformações sociais, urbanização acelerada e um aumento sem precedentes na velocidade e na escala das mudanças. Essas transformações tiveram um efeito profundo na maneira como as pessoas percebiam o mundo ao seu redor e influenciaram a expressão artística e literária.

Eric Hobsbawm (1917-2012), em sua obra "A Era dos Extremos: O Breve Século XX" (1995), aborda o conceito de modernidade como um período histórico caracterizado por mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas profundas. Para Hobsbawm, a modernidade é marcada pela industrialização, urbanização, secularização, individualismo e racionalização. Ele destaca o desenvolvimento do capitalismo como um elemento central desse período, levando a transformações na estrutura social, nas relações de trabalho e nas dinâmicas econômicas. Além disso, ele observa que a modernidade trouxe consigo novas formas de organização política, como os Estados-nação, e transformações culturais significativas, incluindo o surgimento da cultura de massa e do consumismo. No entanto, também enfatiza as contradições e tensões da modernidade, como as desigualdades sociais, as crises econômicas, os conflitos geopolíticos e as lutas de classes. Ele argumenta que esses aspectos negativos são intrínsecos ao processo de modernização e moldam os desafios enfrentados pela sociedade contemporânea.

A modernidade, de acordo com as definições de Zygmunt Bauman (1925-2017) em "Modernidade Líquida" (2011), é um período caracterizado por mudanças rápidas e constantes, marcado pela racionalização, individualização e fragmentação das instituições sociais. Para Bauman, a "modernidade líquida" é um termo que ele usa para descrever a fluidez e a transitoriedade das relações sociais na sociedade contemporânea, em contrapartida a "modernidade sólida", baseada em estruturas e padrões estáveis, ao que hoje deu lugar a uma modernidade caracterizada pela falta de estabilidade e pela flexibilidade das instituições. Ele argumenta: "Na sociedade moderna, cada um de nós vive uma experiência sem precedentes de libertação e autonomia individual, mas, ao mesmo tempo, uma experiência de desenraizamento e insegurança que acompanha a desintegração das velhas estruturas sociais." (Bauman, 2001, p.11).

Nesse processo de racionalização, no qual os princípios de eficiência e cálculo são aplicados a várias esferas da vida social, a arte e a literatura modernas refletem essa racionalização, buscando uma expressão mais objetiva e funcional. O construtivismo, por exemplo, enfatizou a utilidade prática da arte, enquanto o surrealismo explorou o subconsciente humano de maneira metódica e sistemática. Além disso, a modernidade também trouxe consigo a individualização, à medida que os indivíduos se tornaram mais

autônomos em suas escolhas e identidades. Isso pode ser observado na literatura gótica, que aborda temas como a solidão, a alienação e os conflitos internos dos personagens, que com suas narrativas sombrias e atmosferas opressivas, explorou a dimensão psicológica do indivíduo em um mundo cada vez mais individualizado.

Em resumo, a modernidade, conforme definida por Hobsbawm e Bauman, teve um impacto profundo na arte e na literatura. Ela trouxe fluidez, fragmentação, racionalização e individualização, refletidas nos movimentos artísticos e literários da época. Movimentos estes, que desafiaram as convenções estabelecidas, exploraram novas formas de expressão e abordaram as contradições e desafios da sociedade moderna.

Na literatura, a modernidade trouxe uma mudança significativa na forma e no conteúdo. A literatura gótica, que se desenvolveu no final do século XVIII, explorava temas sombrios e sobrenaturais, como a morte, o sobrenatural e o sublime. O gênero enfatizava a atmosfera, o suspense e o horror, muitas vezes retratando castelos sombrios, monstros e situações macabras. Autores como Mary Shelley (1797-1851), com sua obra "Frankenstein" (1818), e Edgar Allan Poe (1809-1849), com seus contos assustadores, contribuíram para a popularização da literatura gótica.

No livro "Gótico Tropical" de Daniel Serravalle de Sá, pesquisador literário, é apresentada uma definição do gótico que, em minha opinião, não pode ser ignorada em nenhuma de suas palavras:

Chamados de 'góticos' por retirarem sua inspiração de construções medievais, em parte, pode-se dizer que tais romances representaram uma volta ao passado feudal, provocada pela desilusão com os ideais racionalistas e pela tomada de consciência individual frente aos dilemas culturais que surgiram na Inglaterra a partir da metade final do século XVIII. Por este ângulo, o romance gótico representa uma mescla de tradições distintas, uma mistura entre o mitológico e o mimético, entre imaginação e realidade. A proposta subjacente seria o retorno a uma época de sonhos, contra o materialismo burguês e, até certo ponto, de encontro às características gerais do Iluminismo. Nesses romances, aquelas convicções mais simples do pensamento cartesiano e racionalista são postas em dúvida em detrimento de um discurso do sentimento, o qual, ora choroso ora violento, é frequentemente exagerado na sua representação das emoções. À luz de uma filosofia da literatura, o romance gótico levantou questões que desafiaram o projeto das Luzes ao expor a natureza caótica do mundo e a contingência da vida. Ao se encarregarem de uma disposição existencial mais lúgubre, tais romancistas abrem um caminho para o surgimento da psicanálise do século seguinte, apresentando em suas narrativas a divisão ontológica

do ser humano em duas grandes matrizes constitutivas: às vezes equilibrado, racional, harmônico (clássico) e às vezes exaltado, sentimental, excessivo (então gótico ou possivelmente barroco). Em oposição à filosofia neoclássica, de procedência aristotélica, os autores góticos investiram na criação de imagens obscuras e representações simbólicas. O medo e o anseio pela morte foram temas centrais nessas narrativas cujos enredos oscilavam entre a realidade verificável e a aceitação de um mundo sobrenatural. O romance gótico catalisou imagens que, devidamente adaptadas, reaparecerão no romance histórico do século posterior. (SÁ, 2019, p.37)

Na literatura, Eliade (2010), vê uma relação entre o comportamento “mitológico” e o ser humano moderno. Ele estabelece que na literatura há uma revolta contra o tempo histórico e o desejo de transcender os ritmos temporais em que estamos inseridos, e se indaga se esse anseio de ir além do nosso tempo pessoal e histórico e imergir em um tempo "estranho", seja ele estático ou imaginário, jamais desaparecerá. Enquanto esse anseio persiste, ele diz que o homem moderno ainda mantém resquícios de um "comportamento mitológico". (ELIADE, 2010, p.134)

À medida que avançamos para o próximo século, podemos observar nas artes visuais os sinais reveladores da modernidade.

O dadaísmo, construtivismo e surrealismo são exemplos de expressões artísticas que refletem essa fluidez e desconstrução das convenções estabelecidas. A modernidade rompe com as tradições acadêmicas e estabelece novas formas de representação e tais movimentos artísticos, surgidos durante a Primeira Guerra Mundial, procuravam desafiar as convenções estabelecidas e questionar a natureza da arte.

O dadaísmo foi um movimento artístico e cultural que emergiu durante a Primeira Guerra Mundial, com artistas como Marcel Duchamp (1887-1968) e Tristan Tzara (1896-1963). Gombrich (2013) descreve como o dadaísmo foi uma reação radical à lógica e à racionalidade da sociedade, buscando a subversão das convenções estabelecidas. Os artistas dadaístas utilizavam a colagem, a assemblage e a criação de objetos artísticos a partir de materiais do cotidiano, desafiando a noção de arte como algo sagrado ou valioso. Ele ressalta como o dadaísmo questionou os conceitos tradicionais de beleza e propriedade artística, promovendo a liberdade de expressão e a crítica social.

O construtivismo, por sua vez, foi um movimento artístico e social que surgiu na Rússia após a Revolução de 1917. Gombrich (2013) explora como o construtivismo foi influenciado pela ideologia comunista e pelo desejo de construir uma nova sociedade. Os artistas

construtivistas, como Vladimir Tatlin (1885-1953) e El Lissitzky (1890-1941), buscavam integrar a arte à vida cotidiana, enfatizando a funcionalidade e a utilidade social das obras. Ele destaca como o construtivismo se dedicava à produção de arte coletiva, com ênfase na arquitetura, no design industrial e nas formas geométricas abstratas.

Sobre o surrealismo, ele define como um movimento artístico e literário que se desenvolveu nas décadas de 1920 e 1930, e buscou explorar o inconsciente, os sonhos e o mundo do irracional. Os principais artistas surrealistas, como Salvador Dalí (1904-1989) e René Magritte (1898-1967), utilizavam técnicas como a pintura automatizada e o uso de imagens simbólicas e desconcertantes. O surrealismo rompeu com a lógica racional e explorou os limites da realidade, abrindo caminho para novas formas de expressão artística. De acordo com Gombrich (2013), o termo "surrealismo" surgiu em 1924 como uma expressão do desejo por uma forma de arte mais real do que a própria realidade. Ele aponta que os surrealistas foram profundamente influenciados pelos escritos de Freud (1856-1939) e declaravam que, embora a razão possa dar origem à ciência, a arte nunca pode ser completamente produzida pela razão desperta. Essa perspectiva reflete a busca dos surrealistas por explorar o subconsciente, os sonhos e os estados alterados de consciência como fontes de inspiração artística. (GOMBRICH, 2013, p.457).

Através dessa contextualização, vemos a diversidade e a complexidade dos movimentos artísticos modernos, e a demonstração de como esses movimentos representaram uma ruptura com as convenções estabelecidas, expressaram novas ideias e questionaram as normas sociais e estéticas da evolução da arte no século XX. No contexto desses movimentos, surge uma técnica e expressão artística singular que tinha como objetivo transformar a realidade por meio da reestruturação da imagem: a fotomontagem.

A fotomontagem, conforme descrito por Hélio Jorge P. Carvalho em sua dissertação "Da fotomontagem às poéticas visuais" (1999), é uma técnica que surgiu no século XIX e teve como pioneiros os fotógrafos G.W. Wilson (1823-1893), David Octavius Hill (1802-1870) e Julia Margareth Cameron (1815-1879), responsáveis por explorar essa técnica, buscando criar ilusões de espaço e reunir diferentes pessoas em uma única imagem. Ao longo do tempo, essa técnica recebeu diversas denominações, como fotografia composta, assemblagem, montagem e, mais recentemente, foto-composite. A fotomontagem continua sendo uma forma expressiva de arte visual, permitindo a criação de composições impactantes e imaginativas. Carvalho diz que a fotomontagem "é o processo de composição de imagens que se utiliza da combinação de elementos visuais, na forma de fragmentos, com

características plásticas diversas e obtidos das fontes mais variadas, organizados e conjugados em um mesmo suporte”. (CARVALHO, 1999, p.6)

No dadaísmo, artistas como Raoul Hausmann (1886-1971) e Hannah Höch (1889-1978) exploraram habilmente técnicas de colagem e montagem, incluindo a fotomontagem. Eles combinaram de forma ousada e inventiva diferentes imagens fotográficas fragmentadas, resultando em composições surrealistas, irônicas e políticas. Essas fotomontagens dadaístas questionaram de maneira provocativa a própria essência da fotografia, desafiando a concepção convencional de que a esta deve retratar a realidade de maneira direta e objetiva. Raoul Hausmann, parceiro de Hannah Höch, produziu obras que anteciparam as questões cibernéticas que ressurgiriam décadas depois. Em suas criações, ele imaginou a figura do homem-máquina, lançando críticas ao crescente mecanicismo que já ameaçava a essência humana naquela época. Um exemplo significativo é a sua obra intitulada "Autorretrato de Dadasoph" (1920), na qual ele retratou o novo ser humano híbrido: uma fusão de elementos humanos e mecânicos, simbolizando a interação complexa entre a tecnologia e a humanidade. O pesquisador Matthew Biro comenta o trabalho de Hausmann: “Uma figura meio orgânica, meio máquina que, acreditava Hausmann, estava aparecendo em uma frequência cada vez maior no mundo moderno”. (BIRO, 2007, p.30, tradução do autor).

A preocupação frente ao avanço das armas e da tecnologia encontra expressão nas obras de Hausmann. Como membro dos dadaístas berlineses, ele emergiu de um período de quatro anos de guerra, vencida com o auxílio de novas máquinas de destruição. Sobre essa obra, Biro complementa:

Os medos que Hausmann algumas vezes expressou a respeito da ciência e tecnologia, as ansiedades que emergiram a partir do conhecimento dos usos a que foram postos durante a guerra de 1914-18, são claramente evidentes nesta representação. (BIRO, 2007, p.31).



Figura 12 - Hannah Höck (1919)

Corte com faca de bolo

Fonte: Google Arts & Culture

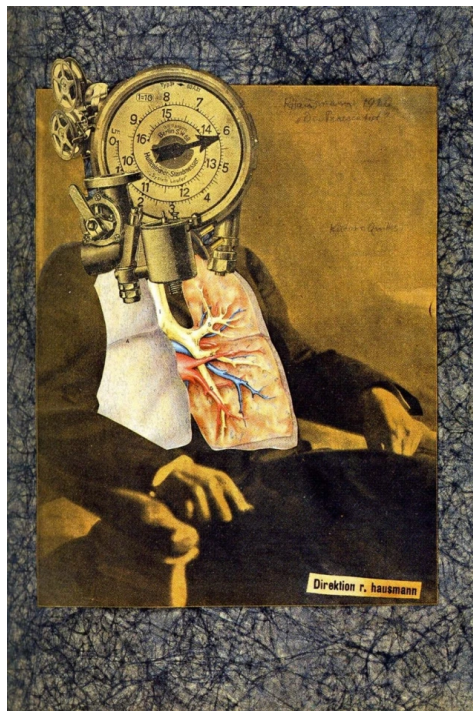


Figura 13 - Raoul Hausmann (1920)

Self-portrait of dasasoph

Fonte: Google Arts & Culture

A técnica de impressão utilizada por Henry Peach Robinson (1830-1896) guarda muitas semelhanças com as fotomontagens digitais contemporâneas, que são criadas a partir de diferentes camadas nas ferramentas de manipulação de imagens. Em sua obra "Pictorial Effect in Photography" (1869.), Robinson declara: “Na fotografia tudo é permitido, mesmo os passes de mágica, as trucagens e os disfarces” (ROBINSON, 1869, apud AMAR, 2001, p.69).



Figura 14 - Henry Peach Robinson (1858) - Fading away. Fonte: Google Arts & Culture

Na União Soviética, a técnica da fotomontagem foi empregada de maneira similar ao movimento dadaísta, porém com algumas diferenças distintas. Enquanto os dadaístas alemães buscavam uma crítica satírica à política na Alemanha, tanto durante a República de Weimar quanto no período Nacional Socialista, os artistas soviéticos acreditavam que a fotomontagem poderia ser um meio perfeito para alcançar as massas e conscientizá-las sobre o novo mundo em construção após a revolução de 1917. A fotomontagem soviética possuía uma natureza política visionária e utópica, buscando propagar os objetivos e conquistas do Estado soviético. O construtivismo, como movimento artístico e conceitual, criticava os meios tradicionais de produção artística, como as pinturas de cavalete, por considerá-los obsoletos e inadequados à nova realidade pós-revolução.

O termo "fotomontagem" foi utilizado pela primeira vez na Rússia na obra "Cidade Dinâmica" (1919) de Klutssis (1895-1938). Nessa obra, a fotomontagem foi explorada como uma forma de representar visualmente a modernidade e a dinamicidade da cidade, utilizando recortes e combinações de fotografias para criar uma narrativa visual impactante e inovadora. A partir desse marco inicial, a fotomontagem tornou-se uma ferramenta fundamental na arte soviética, sendo amplamente utilizada para transmitir mensagens políticas e ideológicas ao público.



Figura 15 - Klutssis (1919) - Cidade Dinâmica

Fonte: Google Arts & Culture

O surrealismo, por sua vez, teve uma relação muito próxima com a fotomontagem. Os artistas surrealistas, como Man Ray (1890-1976) e Max Ernst (1891-1976), utilizaram extensivamente a técnica da fotomontagem em suas obras. Eles exploraram o potencial do inconsciente e dos sonhos, combinando elementos díspares para criar composições oníricas surpreendentes. A fotomontagem permitiu-lhes desafiar a lógica convencional e mergulhar em um mundo de imagens fantásticas. Os surrealistas tinham como objetivo trazer à luz as emoções inconscientes, rompendo com censuras e recalques, conforme a perspectiva freudiana. Eles buscavam representar, por meio de imagens, o que a mente realiza nos sonhos, onde cada elemento não segue uma lógica consciente e se torna um objeto simbólico não literal. Dessa forma, exploravam o reino do subconsciente para criar obras de arte que desafiassem as convenções e despertassem respostas emocionais profundas nos espectadores.

Souza (2010, p.59) diz que “as fotomontagens são mais uma forma de ampliar as possibilidades visuais dos sistemas representativos, já que permitem novas combinações simbólicas de acordo com as composições feitas a partir de imagens.” Já Fabris (2002, p.145) diz que para os surrealistas a fotomontagem era “uma desambientação mental que obriga o espectador a uma tomada de posição moral, ao confrontá-lo com uma figuração do imaginário. O fictício e o imaginário encontram-se assim unidos ao real”. Chiarelli (2003, p.72) afirma que as fotomontagens surrealistas têm a tendência de se dirigirem, em primeiro lugar, ao próprio artista, que se torna o principal observador de sua própria subjetividade, liberado (pelo menos teoricamente) de qualquer restrição consciente. Essas criações artísticas permitem ao artista explorar e expressar livremente seu mundo interior, desafiando as limitações da consciência e abrindo caminho para a manifestação do inconsciente. Nesse sentido, as fotomontagens surrealistas transcendem as normas racionais e se tornam um meio de auto exploração e descoberta psicológica para o próprio criador. (CHIARELLI, 2003, p.72)

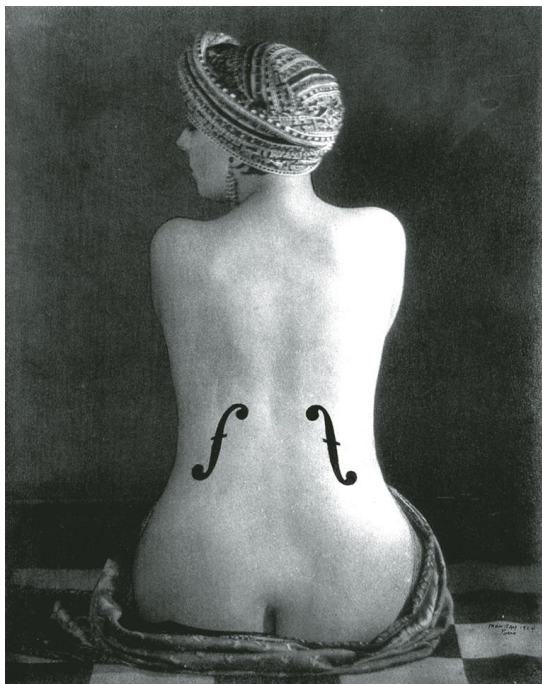


Figura 16 -

Man Ray - O violino de Ingres – 1924

Fonte: Google Arts & Culture



Figura 17 -

Herbert Bayer – Lonely Metropolitan - 1932

Fonte: Google Arts & Culture

Dessa forma, podemos observar como esses movimentos influenciaram e foram influenciados pela prática da fotomontagem, que ofereceu aos artistas uma nova ferramenta para expressar suas ideias, desafiar a realidade e criar narrativas visuais alternativas. Esses movimentos artísticos modernos, por sua vez, expandiram o escopo e o potencial da fotomontagem, abrindo caminho para a sua utilização como forma de expressão artística significativa ao longo do século XX e além.

São anos de evolução digital, nos quais o emprego de programas de edição tem transformado a linguagem das imagens fotográficas. A partir desse momento, tornou-se impensável encontrar uma imagem fotográfica comercial que não tenha passado por algum tipo de interferência ou tratamento digital (MARCELINO, 2012; DORMER, 1998).

Apesar do amplo uso da fotografia na ilustração comercial ao longo do século XX, foi com a chegada dos recursos digitais que ocorreu uma democratização das formas de manipulação de imagens. Foi na década de 90, conforme relatado por Marcelino (2012), que essa tecnologia se tornou disponível: "Os designers diante de tais possibilidades, rapidamente as incorporaram ao seu processo de trabalho. Ter a liberdade de alterar, reconfigurar, criar e ressignificar as imagens através do ambiente computacional era tentador demais para ser deixado de lado" (MARCELINO, 2012, p.61).

A introdução da fotomontagem digital trouxe à fotografia a mesma versatilidade que a ilustração desfrutou em grande parte do século XX. A facilidade de manipulação digital de uma imagem contribuiu para que o designer gráfico se tornasse, nas palavras de Dormer (1998), um construtor de fantasias. O que anteriormente era alcançado por meio de ilustrações agora poderia ser substituído pela fotografia digital. Segundo o autor, “o design gráfico ultrapassou Hollywood como uma fábrica de sonhos” (DORMER, 1998, p.92).

Erik Johansson (1985-) é um artista da fotomontagem digital, conhecido por criar imagens surreais e cativantes. Sua habilidade em combinar elementos fotográficos de forma harmoniosa resulta em composições impactantes e ilusórias.



Figura 18 - Erik Johansson (2023) - Deadline

Fonte: <https://www.erikjo.com>



Figura 19 - Erik Johansson (2022) - Head in the Clouds

Fonte: <https://www.erikjo.com>

A fotografia desempenha um papel significativo no trabalho do artista atual, atuando como um elemento essencial em colaboração com o projeto tipográfico ou, por si só, transmitindo toda a carga simbólica e informativa que compõem o projeto gráfico. Segundo Dormer (1998), os artistas não são meros fabricantes, mas sim pensadores e analistas, capazes de modelar e desenhar, e fazer com que suas atividades transpassem limites sutis através da prática artística. A construção da imagem segue um processo que envolve vários passos até se tornar o produto final, resultado do método e da criatividade do artista, carregando consigo uma série de significados que compõem sua mensagem visual e valorizam o produto. O poder simbólico das imagens é capaz de transformar, como destacado por Carvalho (2000), um relógio em uma jóia, um carro em um símbolo de prestígio e um pântano em um paraíso tropical.

A fotomontagem, como testemunhamos, é um retrato vívido dos avanços tecnológicos e artísticos. Mas, acompanhado desses avanços, também podemos notar outros tipos de fragmentos da modernidade que permeiam nosso período contemporâneo: seus sintomas.

A era moderna e a contemporânea são períodos distintos na história, mas estão conectados por uma relação de continuidade e evolução. A era moderna refere-se geralmente ao período que abrange desde o final da Idade Média até o final do século XVIII ou início do século XIX, caracterizado por mudanças significativas nas esferas política, social, cultural e econômica. A transição da era moderna para a contemporânea ocorreu ao longo dos séculos XIX e XX, marcada por eventos como a Revolução Industrial, a Revolução Francesa e as transformações sociais e tecnológicas que se seguiram. A contemporaneidade surge como uma resposta e continuação das mudanças iniciadas na era moderna, mas com uma abordagem distinta.

A era contemporânea é caracterizada pela aceleração do ritmo de transformações sociais, tecnológicas e culturais. A globalização, os avanços tecnológicos, a sociedade da informação e a interconexão global são aspectos centrais desse período. A contemporaneidade abraça a diversidade de expressões artísticas, a pluralidade de perspectivas culturais e a interdisciplinaridade e é, de certa forma, uma continuação e evolução da era moderna. Ela incorpora os legados e desafios do passado, mas também reflete as características e demandas únicas do mundo atual. É um período de constante transformação e reavaliação, em que questões como busca por identidade, tecnologia, sustentabilidade, igualdade e diversidade são amplamente discutidas.

No livro "Sociedade do Cansaço" (2017), Byung-Chul Han (1959-), filósofo sul-coreano conhecido por suas reflexões sobre a sociedade contemporânea, argumenta que a sociedade atual é caracterizada pelo excesso de positividade e produtividade. Ele discute como a pressão para ser constantemente produtivo, eficiente e bem-sucedido leva ao esgotamento físico e mental. Na sociedade do cansaço, as pessoas estão sobrecarregadas pela quantidade de tarefas, demandas e estímulos constantes, resultando em um estado de exaustão e esgotamento generalizado. Han diz:

O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes,

se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal. (HAN, 2017, p.16)

Essa noção de cansaço e exaustão na sociedade contemporânea se relaciona com a ideia de "modernidade líquida" de Bauman, o qual argumenta que a fluidez e a instabilidade da sociedade contemporânea levam a um estado de incerteza e insegurança constantes, o que pode causar estresse e ansiedade. O cansaço mencionado por Han pode ser entendido como uma consequência dessa instabilidade e fluidez da modernidade líquida.

A perda de individualidade na contemporaneidade é um fenômeno que se manifesta de diferentes maneiras. "Animal laborans" é um conceito de Byung-Chul Han que descreve a condição humana caracterizada pela busca incessante de produtividade e trabalho constante. Isso leva à perda da individualidade, hiperatividade e neurose. Han argumenta:

O animal laborans pós-moderno não abandona sua individualidade ou seu ego para entregar-se pelo trabalho a um processo de vida anônimo da espécie. A sociedade laboral individualizou-se numa sociedade de desempenho e numa sociedade ativa. O animal laborans pós-moderno é provido do ego ao ponto de quase dilacerar-se. Ele pode ser tudo, menos ser passivo. Se renunciássemos à sua individualidade fundindo-se completamente no processo da espécie, teríamos pelo menos a serenidade de um animal. Visto com precisão, o animal laborans pós-moderno é tudo menos animalesco. É hiperativo e hiperneurótico. (HAN, 2017, p.23)

Além disso, Han comenta que a sociedade contemporânea é caracterizada por uma sobre estimulação constante, uma infinidade de estímulos e uma busca por novidades incessantes. Essa busca por estímulos e entretenimento pode se refletir na diversidade de estilos e expressões na arte contemporânea, onde há uma constante busca por algo novo e diferente para capturar a atenção do público. Han define a vida contemporânea como uma experiência de vida "desnuda", que é pautada por sintomas como a perda de fé e de esperança, condicionando a vida à tristeza e à solidão:

A perda moderna da fé, que não diz respeito apenas a Deus e ao além, mas à própria realidade, torna a vida humana radicalmente transitória. Jamais foi tão transitória como hoje. Radicalmente transitória não é apenas a vida humana, mas igualmente o mundo como tal. Nada promete duração e subsistência. Frente a essa falta do Ser surgem nervosismos e inquietações. A pertença à raça poderia ajudar ao animal que

trabalha para a mesma a uma serenidade animalesca. Todavia, o eu pós-moderno está totalmente isolado.

Também as religiões enquanto técnica da morte, suprimindo o medo da morte e produzindo um sentimento de duração, tornaram-se obsoletas. A desnarrativização [...] geral do mundo reforça o sentimento de transitoriedade. Desnuda a vida. O próprio trabalho é uma atividade desnuda. O trabalho desnudo é precisamente a atividade que corresponde à vida desnuda. O trabalho desnudo e a vida desnuda condicionam-se mutuamente. Em virtude da falta de técnicas narrativas de morte surge a coação de conservar a vida desnuda incondicionalmente sadia. (HAN, 2017, p.24)

Assim, podemos compreender que a sociedade contemporânea, por meio de suas expressões artísticas e comportamentais, está imersa em um contexto caracterizado pela fluidez, incerteza e incessante busca por produtividade e estímulos. Nesse cenário, observamos a presença constante da sensação de cansaço físico e mental, que tanto os movimentos artísticos passados quanto os teóricos abordados neste contexto descrevem. No entanto, a diversidade e multiplicidade presentes na arte moderna e contemporânea podem ser interpretadas como uma resposta a essa sociedade do cansaço, representando a necessidade de transformação.

O Prometeu Moderno

Foi em uma noite triste de novembro que contemplei o sucesso de minha obra. Com uma inquietação que quase chegava à agonia [...] (SHELLEY, 2017, p.75)

Foi em uma noite triste de maio que contemplei o sucesso de minha obra. Com uma inquietação que quase chegava à agonia.

O Prometeu Moderno é fruto do mundo. A história do Prometeu Moderno emerge do vazio e, explodindo do caos, se organiza por meio da criação, construindo um cosmo, um mundo, sempre em busca de sentido, sempre em busca de luz. E é através da luz que contemplamos a imagem.



Figura 20 - Pedro Colletti (2023) - O Prometeu Moderno

Na mitologia grega, Prometeu é conhecido por roubar o fogo dos deuses e entregá-lo aos seres humanos, trazendo-lhes conhecimento e avanços tecnológicos. Essa ação desafiadora e rebelde em desobedecer aos deuses e compartilhar o fogo é vista como um ato de subversão, coragem, criatividade e busca pela libertação do ser humano. Nesse contexto, o termo foi associado ao personagem Victor Frankenstein, criado pela escritora Mary Shelley em seu romance "Frankenstein ou O Prometeu Moderno" (1818), assumindo o teor anacrônico relacionando o personagem de uma mitologia antiga ao contexto moderno.

Victor se entrega ao seu desejo de ultrapassar os limites da ciência e criar vida artificialmente e, assim como Prometeu, desafia as leis naturais, buscando conhecimento além dos limites. Se estendendo na concepção, podemos entender o termo como característica de personagens que desafiam ordens estabelecidas, buscam conhecimento, e encontram na criação audaciosa a maneira de se rebelar contra normas e convenções. É uma forma de reconhecer e homenagear a influência duradoura e universal da mitologia na cultura e na expressão criativa ao longo dos séculos.



Figura 21 - FÜGER, Heinrich Friedrich (1817) -

Prometeu leva o fogo à humanidade

Fonte: Google Arts & Culture



Figura 22 - VON HOLST, Theodor (1831) -

Ilustração da edição de "Frankenstein" de 1831

Fonte: Google Arts & Culture

A motivação para escolher “Frankenstein ou O Prometeu Moderno” para nomear o projeto, dar luz a poética e organização da pesquisa e da peça artística produzida, surge de uma identificação profunda e visceral. Movido pelo desejo de explorar questões intrínsecas à criatividade, tanto no âmbito artístico como na mitologia, impulsionado por um interesse ardente na literatura gótica e tendo como imagem referencial desde a infância a figura do Monstro, que agora carrega o nome de seu criador, “Frankenstein”, vi minha própria história escrita nas páginas do visionário livro. Frankenstein é a encarnação do paradoxo do criador. É a síntese do ato de criar que é motivado pela paixão, tensão e ambição desmedida. Um retrato repleto de desejo, angústia, solidão e desespero. É a busca pela própria identidade em meio a um mundo hostil e desconcertante. É a busca pela perfeição.

“Frankenstein” conta a história do cientista Victor Frankenstein e sua criação. A narrativa começa quando Victor decide criar um ser humano artificial usando métodos científicos, combinando diferentes partes de corpos mortos. No entanto, quando a criatura ganha vida, Victor se horroriza com sua aparência repugnante e abandona o ser. A criatura, abandonada e rejeitada, passa por experiências dolorosas ao ser rejeitada pela sociedade e enfrentar a solidão. Buscando vingança contra seu criador, a criatura começa a causar mortes e destruição na vida de Victor, levando-o a um estado de angústia e culpa. A narrativa explora temas como a ambição científica, as consequências da criação desmedida, a solidão e o isolamento, questiona a responsabilidade moral do criador em relação à criatura que ele deu vida, reflete sobre as implicações éticas da ciência e do poder humano, assim como as consequências devastadoras que podem surgir da rejeição e da alienação, e examina os limites da ambição e as complexidades da natureza humana.

O processo para atingir minha criação e expressar o objetivo da ideia final foi um desafio extremamente complexo, pois transmitir a megalomania da ideia não encaixava em nenhuma forma de elaboração visual. E tentei muitas possibilidades.

Eu já possuía o desejo de trazer uma pintura historicamente icônica como forma de garantir a expressão correta no sentido de intenção e simbolismo, de coesão e mensagem. Assim, ao assumir o teor performático, a fim de expressar o sentimento da ideia, busquei referência em Caravaggio (1573-1610).

No início da minha jornada universitária, tive o privilégio de ser introduzido às obras de Caravaggio, pintor italiano do final do século XVI e início do século XVII, conhecido por seu estilo realista e dramático, caracterizado pelo uso intenso de luz e sombra. Suas obras, que abrangem temas religiosos, mitológicos e do cotidiano, tiveram um impacto duradouro na história da arte. Imediatamente me vi cativado pela intensidade dramática que permeia suas

criações. No entanto, o que verdadeiramente despertou minha atenção foi algo que representa uma batalha que enfrentamos desde os primórdios da humanidade: a presença da escuridão.



Figura 23 - CARAVAGGIO, Michelangelo Merisi da (1571-1610) - São Jerônimo. Óleo sobre tela, 114 x 94 cm, Galeria Borghese, Roma: 1605-1606. Fonte: Google Arts & Culture

Em particular, sou extremamente fascinado pela pintura "São Jerônimo" (1605-06).

A figura de São Jerônimo, retratada em um momento de recolhimento e introspecção, transmite uma sensação de serenidade e tranquilidade. Sua postura reclinada e os olhos voltados para baixo sugerem um estado de contemplação profunda, como se ele estivesse imerso em pensamentos e reflexões. Caravaggio utiliza uma iluminação suave e delicada, destacando o rosto de São Jerônimo e suas mãos, que seguram um livro e uma pena, simbolizando seu trabalho como tradutor e estudioso da Bíblia. A luz suave cria uma atmosfera tranquila e convida o espectador a se juntar a São Jerônimo nesse momento de reflexão e paz interior. A composição da obra é cuidadosamente equilibrada, com São Jerônimo posicionado no canto direito da tela, cercado por elementos simbólicos, como os livros que representam o conhecimento e o crânio da transitoriedade da vida. Esses elementos são apresentados de maneira discreta, enfatizando a sutileza da mensagem de Caravaggio.

Em sua análise da pintura de Caravaggio, Roberto Longhi (2012), historiador de arte italiano, examina diversos aspectos que tornam suas obras tão marcantes. Um dos pontos ressaltados por Longhi é a habilidade técnica excepcional do artista em criar uma iluminação intensa e realista, que confere uma atmosfera única às cenas representadas. Essa iluminação dramática contribui para a expressão dos personagens e para a profundidade psicológica das composições. O artista retrata o santo em um momento de profunda introspecção e concentração, capturando sua devoção religiosa de maneira comovente. A expressão serena e concentrada no rosto de São Jerônimo revela seu compromisso espiritual e sua busca constante pela redenção. Além disso, Longhi ressalta a ousadia de Caravaggio ao retratar São Jerônimo como um idoso, rompendo com as convenções estabelecidas pela tradição artística da época, que normalmente retratava o santo como um homem mais jovem e vigoroso. Essa escolha envelhecida e cansada do personagem traz à tona reflexões sobre o tempo, a mortalidade e a necessidade de buscar uma conexão mais profunda com a espiritualidade. Longhi admira sua maestria no uso da cor, da textura e dos detalhes realistas. O artista tem a capacidade de criar um senso de profundidade e volume impressionantes, além de representar com precisão os objetos e tecidos presentes nas suas composições. Essa atenção meticulosa aos detalhes contribui para a autenticidade e impacto emocional das obras de Caravaggio. Lorenzo Mammi (2012), crítico da arte, diz que “incerteza, sofrimento, agonia, traços corporais marcantes e realistas, características inconfundíveis das tintas de estilo barroco de Michelangelo Merisi da Caravaggio, ou simplesmente Caravaggio (1571-1610)” (MAMMI, 2012, p. 7).

Wolfflin (2006) afirma que uma das características mais relevantes do barroco é que “a clareza absoluta torna-se obscura até mesmo naqueles casos em o artista pretende reproduzir com perfeição a realidade”. (WOLFFLIN, 2006, p. 269). Segundo ele, os artistas barrocos têm uma tendência a evitar a nitidez objetiva extrema, optando por composições que exploram ângulos de visão menos convencionais. Eles buscam uma abordagem expressiva, valorizando a imagem fortuita. Essas características são perceptíveis na obra de Caravaggio, especialmente no uso marcante de cores quentes que despertam nossa visão em contraste com um fundo preto. As figuras são destacadas, enquanto o plano de fundo revela uma escuridão profunda, conferindo uma atmosfera impactante à composição.

Utilizando a composição da pintura, mimetizo a posição do santo, e me expesso em um momento de contemplação durante meu processo de criar, porém imerso em meio ao caos material e de informações, rodeado por aparatos tecnológicos, objetos, livros e diversos conteúdos que fazem parte do meu universo e influenciarão minha criação. No entanto, em

contraste com a pintura, meu ambiente é moderno e não contemporâneo ao barroco, a antiga mitologia grega ou a época inicial da literatura gótica.

Dessa forma, busco trazer a mitologia para o contexto contemporâneo.

Mircea Eliade e Joseph Campbell enfatizaram a importância contínua dos mitos na sociedade contemporânea. Em "Mito e Realidade" (2010), Mircea argumenta que a mitologia moderna não é simplesmente uma forma de mitologia antiga transferida para a era atual, mas sim uma manifestação de um impulso humano fundamental em novas buscas de significado em um novo mundo. Ele sustenta que, apesar do processo de secularização e do avanço da ciência, os seres humanos ainda possuem uma necessidade inata de criar e encontrar mitos que possam dar sentido às suas vidas. Eliade destaca que a mitologia moderna muitas vezes se manifesta em forma de narrativas e símbolos encontrados em obras literárias, filmes, histórias em quadrinhos e outras formas de arte popular. Eliade argumenta:

Os personagens dos comic strips (histórias em quadrinhos) apresentam a versão moderna dos heróis mitológicos ou folclóricos. Eles encarnam a tal ponto o ideal de uma grande parte da sociedade, que qualquer mudança em sua conduta típica ou, pior ainda, sua morte, provocam verdadeiras crises, entre os leitores; estes reagem violentamente e protestam, enviando milhares de tele-gramas aos autores dos comic strips e aos diretores dos jornais. Um personagem fantástico, Superman, tornou-se extremamente popular graças, sobretudo, à sua dupla identidade: oriundo de um planeta destruído por sua catástrofe, e dotado de poderes prodigiosos, ele vive na Terra sob a aparência modesta de um jornalista, Clark Kent; Clark se mostra tímido, apagado, dominado por sua Colega Miriam Lane. Essa camuflagem humilhante de um herói cujos poderes são literalmente ilimitados, revive um tema mítico bastante conhecido. Em última análise, o mito do Superman satisfaz às nostalgias secretas do homem moderno que, sabendo se decaído e limitado, sonha revelar-se um dia um "personagem excepcional", um "herói". (ELIADE, 2010, p.129)

Campbell, em "O Herói de Mil Faces" (1990), desenvolveu a ideia do "monomito" ou "jornada do herói". Ele argumenta que, apesar das diferenças culturais e históricas, as histórias mitológicas de diferentes sociedades compartilham um padrão comum. Campbell identifica uma estrutura narrativa subjacente que envolve o chamado à aventura, a jornada, a provação, a conquista e o retorno transformado. Ele acredita que esse monomito é uma expressão do impulso humano para a autorrealização e a busca de um significado mais profundo. Também destaca que essa estrutura mítica pode ser encontrada em muitas obras de

ficção contemporânea, como romances, filmes e séries de televisão, demonstrando a relevância contínua dos mitos na cultura moderna.

Partindo desse contexto, a mídia, a internet e as redes sociais desempenham um papel significativo ao oferecerem novos espaços de construção de mitos e narrativas simbólicas. Essas plataformas permitem a criação de universos ficcionais e personagens emblemáticos que despertam o imaginário coletivo e geram identificação. Novas formas de mitologia emergem por meio de memes, viralizações e narrativas compartilhadas. Esses elementos criam um senso de comunidade, identidade e pertencimento, estabelecendo uma nova forma de mitologia moderna, moldada pela interação e participação ativa dos usuários. Em síntese, as mitologias modernas presentes na mídia, internet e redes sociais refletem a necessidade humana de criar narrativas e símbolos que deem sentido à vida contemporânea. A mídia e a internet proporcionam novos espaços para a construção dessas narrativas, enquanto os arquétipos universais continuam a ressoar nas histórias e personagens. Nesse cenário, as redes sociais amplificam e perpetuam a mitologia moderna por meio de interações coletivas e compartilhamento de significados. Assim, as mitologias modernas se tornam um aspecto essencial da cultura contemporânea, refletindo os anseios, as experiências e a busca por sentido da sociedade atual.

A obra "Frankenstein", considerada mãe da ficção científica, também pode ser relacionada ao conceito de mitologia moderna, que embora do século XIX, aborda temas e questões que continuam relevantes na sociedade moderna. A história pode ser interpretada como uma narrativa mitológica contemporânea que explora questões existenciais, éticas e científicas. A criação do monstro por Victor Frankenstein é um ato de transgressão dos limites humanos e desafia as noções tradicionais de criação e vida. Essa narrativa mitológica encarna a busca humana por significado e a tentativa de compreender os mistérios da vida e da existência. Além disso, também apresenta a jornada do herói, conforme descrito por Joseph Campbell. Victor Frankenstein passa por uma jornada em sua busca pelo conhecimento e poder, enfrentando desafios e provações ao longo do caminho. Sua criação, o monstro, também empreende uma jornada de autoconhecimento e busca de identidade. A história traz reflexões sobre os limites da ciência, da responsabilidade ética e das consequências de brincar com as forças da natureza. Esses temas continuam sendo relevantes hoje, onde questões éticas e morais relacionadas ao progresso científico e tecnológico são frequentemente discutidas. Em suma, a obra de Mary Shelley transcende seu tempo e continua a ressoar com os leitores contemporâneos, demonstrando a relevância duradoura da mitologia e da exploração dos mitos na sociedade moderna.

No livro “Frankenstein: 200 anos - As sombras e os monstros de Mary Shelley”, que analisa as influências culturais e históricas da narrativa, a pesquisadora Catarina Correia de Castro conclui que:

Em suma, Frankenstein preanuncia em termos metafóricos – e numa dimensão que a História se encarregou de tornar mítica – o desenvolvimento da ciência e as consequências que podem advir do exercício autocrático de poder nessa área. Os resultados da manipulação da natureza pelo homem serão sempre apenas mudança se não estiverem associados à responsabilidade moral. A visão profética de Mary Shelley, válida simbolicamente para as intensas mudanças ocorridas na sociedade vitoriana, está, nos nossos dias, assustadoramente próxima da realidade, restando -nos a nós, leitores do século xxi, a esperança de que o surgimento de um Prometeu moderno não ficcional seja apenas mera imaginação. (PUGA, CASTRO, 2021, p.131)

Portanto, "Frankenstein" reflete a instabilidade, a busca desenfreada por controle e poder, a falta de reflexão ética e as transformações na arte e na literatura que ocorreram na modernidade. A obra revela os perigos das consequências não intencionais da ação humana, especialmente quando não acompanhada de uma consideração ética apropriada, e também demonstra a continuidade e a evolução das tradições artísticas na modernidade.

Além disso, Shelley incorpora em “Frankenstein” a obra "Paraíso Perdido" de John Milton, desempenhando um papel significativo para a inclusão desse poema épico na compreensão da trajetória dos personagens e para a exploração de temas centrais na obra, estabelecendo um diálogo intertextual entre as duas obras, destacando a influência da literatura anterior na criação e na interpretação de novas histórias. Isso ressalta a importância da tradição literária e da conexão entre as gerações de escritores, bem como a capacidade das obras literárias de dialogar com outras formas de expressão cultural, como a mitologia.

Para dar luz ao cerne da minha ideia, que consistia em me retratar imerso ao caos da criação artística, cheio de elementos e referências da minha jornada artística, eu precisava reconstruir a realidade ao meu redor. Para isso criei meu próprio Monstro.

"Frankenstein", como ficou conhecido a criatura formada por partes de corpos costurados e por fim reanimados, é a maneira que comumente apelido o processo de recortar, juntar e moldar imagens através da fotomontagem. Boris Kossoy (2009), renomado teórico e historiador da fotografia brasileira, conhecido por suas contribuições no campo da fotografia e sua relação com a história, aborda a função da fotografia como meio de transformar a

realidade. Segundo Kossoy, a fotomontagem desempenha um papel importante na transformação da realidade, pois permite aos artistas desafiar as convenções e limitações da fotografia tradicional. Através da combinação de imagens, é possível criar composições que mesclam diferentes perspectivas, tempos e espaços, desafiando a noção de uma única realidade objetiva. Kossoy também destaca que a fotomontagem tem um potencial expressivo e crítico significativo. Ela pode ser usada como uma forma de expressão artística para transmitir mensagens políticas, sociais ou emocionais, explorando ideias, questionando a realidade estabelecida e oferecendo novas interpretações. Ao criar imagens que mesclam elementos diversos, a fotomontagem pode subverter a lógica visual e estimular a reflexão sobre a natureza da imagem e seu poder de representação. Relacionando o uso da fotomontagem a aos aparatos tecnológicos atuais, ele afirma:

Com a geração e reprodução eletrônica de imagens e os softwares especificamente desenvolvidos, as operações de manipulação das imagens fotográficas tornaram-se “sedutoras” tais como retoques, aumento e diminuição de contrastes, eliminação ou introdução de texturas entre tantos outros artifícios. Ampliam-se cada vez mais, através dos laboratórios de pós-produção digital, sofisticadas possibilidades tecnológicas de montagens estéticas e ideológicas das imagens e, por conseguinte, de criações de novas realidades. (KOSSOY, 2009, p.55).

Em suma, para Kossoy, a fotomontagem é uma ferramenta poderosa para transformar a realidade fotográfica. Ela permite a criação de novas narrativas e abordagens visuais, desafiando as convenções e questionando a ideia de uma única verdade fotográfica. Além disso, a fotomontagem possui um potencial expressivo e crítico, que pode ser explorado para transmitir mensagens e estimular o pensamento crítico sobre a imagem e sua relação com o mundo.

Baudrillard, “Simulacros e Simulação” (1991) diz que, por meio do uso de montagens, encenações, apropriações e ressignificações, a fotografia e a mídia foram capazes de conquistar o poder de criar novas realidades convincentes. O simulacro do real, presente na arte, transcendeu a própria realidade visível, estabelecendo-se como uma representação ainda mais autêntica. Nesse contexto, a capacidade de manipular imagens permitiu que a arte construísse narrativas persuasivas e cativantes, nas quais a ilusão do real ganhou vida de forma intensa e impactante. (BAUDRILLARD, 1991)

Sontag (2004) destaca a poderosa habilidade que uma imagem fotográfica possui em persuadir seu público, criando a ilusão de autenticidade no que foi capturado. Através de sua

representação visual, a fotografia tem o poder de transmitir uma sensação de verdade e realidade, levando o espectador a acreditar na veracidade do que está sendo retratado. Essa capacidade de convencimento da imagem fotográfica tem um impacto significativo na forma como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor:

[...] tais imagens são de fato capazes de usurpar a realidade porque, antes de tudo, uma foto não é apenas uma imagem (como uma pintura é uma imagem) uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária. Enquanto uma pintura, mesmo quando se equipara aos padrões fotográficos de semelhança, nunca é mais do que a manifestação de uma interpretação, uma foto nunca é menos do que o registro de uma emanção (ondas de luz refletidas pelos objetos). (SONTAG, 2004, p.170).

A técnica da fotomontagem traz à mente a ação de Victor Frankenstein em construir seu monstro a partir de pedaços e assim dar vida a uma nova forma de existência. Na fotomontagem, a combinação de diversos elementos e imagens espelha a maneira como Victor Frankenstein compilou partes de diferentes corpos para formar seu monstro. Ambos os atos envolvem um processo de montagem e construção, onde diferentes partes são unidas para criar algo novo. O Monstro que ele cria é um símbolo complexo, representando não apenas a junção física de partes distintas, mas também a mescla de características humanas e não humanas, a busca pelo conhecimento e os dilemas da criação. A fotomontagem evoca a sensação de deslocamento e estranhamento que permeia o enredo de Frankenstein. A combinação de elementos díspares e a sobreposição de diferentes contextos visuais refletem a tensão entre o familiar e o desconhecido, o real e o imaginário.

A peça foi produzida através de um computador de mesa com o auxílio de uma mesa digitalizadora acompanhada de sua caneta, ambas fazendo o papel de um mouse. A imagem possui o tamanho de 3500x3500 pixels e 29,63x29,63 centímetros. O programa utilizado foi o Photoshop CS6. A foto de mim sentado à mesa foi capturada no meu próprio cosmo - meu quarto. Utilizei uma câmera digital Cyber-shot da marca Sony e para a iluminação da cena criei um suporte de luz usando canos de PVC, uma lâmpada e um cone de papel preto para direcionar a luz.



Figura 24 - Foto original no quarto

Para compor todo o cenário digitalmente, fiz uma extensa busca por imagens de objetos em sites e bancos de imagens na internet. Essa busca é um processo exigente, pois encontrar as imagens certas, geralmente fotografias dos objetos desejados, requer um forte exercício de percepção. Vários critérios são considerados ao selecionar essas imagens: qualidade de resolução, perspectiva, formato, iluminação, cores e texturas, estética e estilo dos objetos. Todas as escolhas são feitas com o objetivo de alcançar a simbologia e a mensagem desejada.

Certamente, se eu dependesse apenas do ambiente físico, não conseguiria alcançar o resultado final, uma vez que não possuo muitos dos objetos necessários. Além disso, parte do propósito da fotomontagem é explorar as possibilidades de criar uma composição

harmoniosa. O processo de composição de imagens é complexo e envolve um constante vai e vem na busca pelas imagens ideais que se encaixem perfeitamente na composição desejada. Vários aspectos são considerados nesse processo, como a adequação da iluminação de cada elemento ao cenário, a definição do ponto de luz adequado e a proporção entre atores e objetos. Mesmo em composições com temáticas surreais, é crucial retratar de forma realista a maneira como a matéria se comporta, a fim de garantir a verossimilhança da cena. A busca pela harmonia visual e pela coesão estética é constante, levando em conta detalhes como a coerência da iluminação, a proporção dos elementos e a interação entre eles. Cada escolha realizada no processo de composição contribui para a criação de uma narrativa visual coesa e convincente. Nesse processo de reutilização, são empregadas técnicas como equilibrar e ajustar cores, contraste e iluminação e a possibilidade de ampliar e deslocar elementos, visando alcançar uma leitura mais aprimorada, pois muitas vezes a perspectiva oferecida pelo cenário e pela câmera não exploram todo o potencial que pode ser alcançado por meio da montagem.

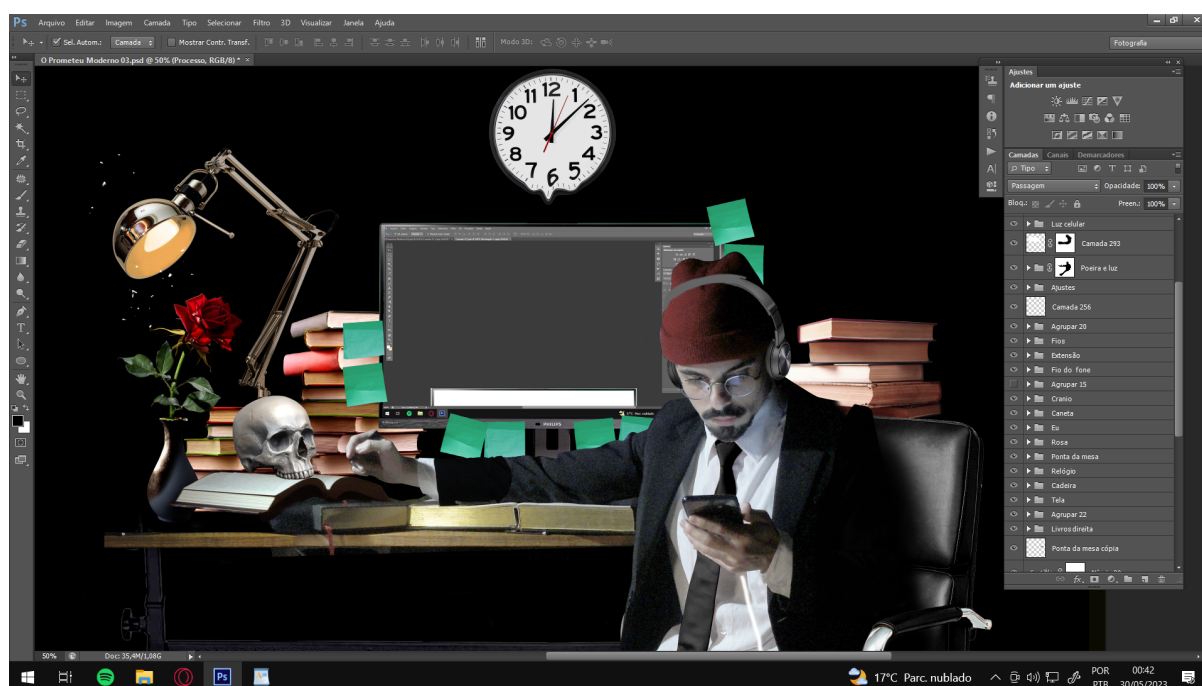


Figura 25 - Captura de tela do Photoshop em parte do processo

Ao compor as imagens, é possível realizar ajustes e modificações nos objetos retratados para alcançar uma melhor visualização dos elementos na composição final. Por exemplo, é viável aumentar o tamanho de objetos, como uma caneca ou a tela do computador, a fim de enfatizá-los e torná-los mais proeminentes na cena. Além disso, é possível alterar as cores dos

objetos para criar um efeito visual desejado ou garantir uma maior harmonia com os demais elementos da peça. Outra técnica utilizada é a combinação de recortes de diferentes partes do corpo de um modelo, com o intuito de obter uma composição corporal mais coesa e esteticamente agradável.

É importante observar que esses elementos que não estão presentes fisicamente uns em relação aos outros, no mesmo ambiente ou na mesma foto, não são apenas dispostos na peça artística que se está trabalhando. É necessário compreender como o tamanho, a iluminação, o contraste e as cores se comportam em relação aos formatos e texturas, e como interagem uns aos outros e ao ambiente que foram colocados.



Figura 26 - Peça em estágio inicial

A atenção a essas manipulações e detalhes permitem a criação de uma narrativa visual mais expressiva e concisa, atendendo às necessidades estéticas e comunicativas do artista. A perspectiva e o entendimento sobre o funcionamento dos programas utilizados também são fundamentais para realizar as devidas ordenações. Qual o formato, tamanho e resolução da

imagem, qual tipo de arquivo será salva, quais ferramentas usar: pincel, maior ou menor, mais duro ou mais leve, com muita ou pouca opacidade; caneta para recortar as imagens, filtros para equilibrar as cores dos elementos, filtros para atingir a atmosfera desejada para o sentimento da peça. Entre outros inúmeros processos e configurações que não caberiam ser citados aqui.

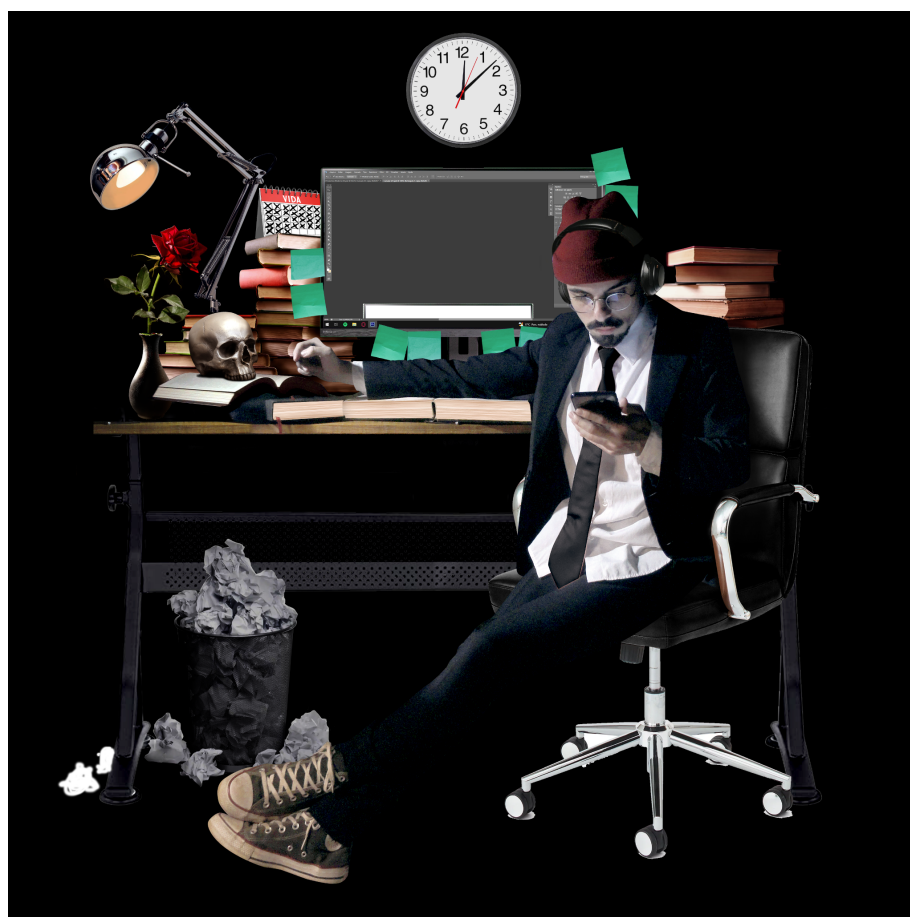


Figura 27 - Peça em estágio intermediário

A fotomontagem, como forma de expressão artística, desafia as limitações do mundo material ao permitir a combinação de elementos visuais de maneiras não convencionais. Embora essa técnica desfaça em certa medida as fronteiras materiais, ainda assim estamos sujeitos às configurações e características dos objetos com os quais trabalhamos. A matéria continua a desempenhar um papel fundamental na produção e na compreensão da fotomontagem, porque vivemos no mundo material e pensamos, de certa forma, de maneira material. No mesmo contexto, o espaço desempenha um papel crucial. Devemos considerar o espaço dentro da própria peça visual que está sendo criada, levando em conta sua narrativa visual que se constrói através da combinação de diferentes elementos, como objetos e

cenários. Além disso, com o advento do virtual, o espaço se expande para além do físico. Os processadores, computadores, celulares, a mídia e a internet criam novos espaços virtuais que influenciam a criação e a disseminação do nosso próprio entendimento de espaço.

A energia criativa é a força vital por trás de todo processo criativo. É a energia que impulsiona a expressão artística e dá vida à criação. No entanto, devemos também considerar a energia em termos mais materiais. Nada disso seria possível sem a energia elétrica que alimenta nossos computadores, celulares e a tecnologia moderna utilizada na criação e edição de certos tipos de expressões artísticas, como a fotomontagem digital. Reconhecer essa dependência energética nos lembra da interconexão entre a criatividade, a tecnologia e o mundo físico. O tempo também é uma dimensão importante a ser considerada. Entender quanto tempo leva para pesquisar e reunir as imagens necessárias, para elaborar a composição, tratar todos os recortes e fazer o tratamento final. À medida que amadurecemos e evoluímos, nossos processos de criação, percepção e interação com a vida também se transformam. E isso deve ser levado em conta durante nosso processo de criação. A maturidade traz uma maior compreensão de nós mesmos e do mundo ao nosso redor, afetando nossa abordagem criativa e a maneira como enxergamos e interpretamos nosso próprio trabalho criativo. Com o tempo, entendemos quais os processos e escolhas que tomamos.

Assim como os mitos, tentamos organizar e dar sentido à realidade por meio da arte. Ela nos permite explorar narrativas visuais que transcendem os limites do mundo material, desafiando nossa percepção e convidando-nos a refletir sobre questões mais profundas. Buscamos ordenar a realidade, explorar sua complexidade e expressar nossas visões e interpretações únicas do mundo que nos cerca.

Tentei com "O Prometeu Moderno" elaborar uma composição rica em simbolismo, que busca estabelecer um paralelo entre a função da criatividade, o anacronismo entre mitologia antiga e moderna e a condição do jovem artista no mundo moderno. Tento representar assim a busca incessante pelo conhecimento, pelo controle e pela conexão tecnológica, refletindo assim a mitologia moderna, na qual o ser humano assume o papel de criador e manipulador do mundo ao seu redor.

Em "Frankenstein", Shelley cria uma história que aborda as consequências da busca desenfreada pelo conhecimento e pelo poder da criação. O protagonista, Víctor Frankenstein, assume esse papel do "Prometeu Moderno" ao desafiar os limites da ciência e criar uma viva, o Monstro. Essa criatura, inicialmente concebida como uma conquista científica, logo se torna um ser solitário e angustiado, rejeitado pela sociedade. Da mesma forma, "O Prometeu

Moderno" retrata a figura do jovem sentado à mesa, imerso em sua busca por conhecimento e imbuído da capacidade de criar através da tecnologia. O jovem, assim como Victor Frankenstein, personifica o desejo humano de transcender seus próprios limites e dominar o mundo ao seu redor. Tento capturar a dualidade presente em "Frankenstein", na qual a criação e o poder tecnológico são acompanhados de uma sensação de solidão, desconexão e dilemas existenciais. Assim como o Monstro de Frankenstein, que busca desesperadamente compreender seu lugar no mundo e encontrar aceitação, o jovem na imagem parece imerso em uma realidade tumultuada e sobrecarregada. Os objetos contemporâneos presentes na obra representam a agitação da vida moderna, o excesso de informações e a falta de equilíbrio entre as necessidades básicas e a busca intelectual.

Ao me retratar sentado à mesa, adotando a mesma pose do quadro "São Jerônimo" de Caravaggio, busquei transmitir a ideia de busca por conhecimento, reflexão e contemplação, características associadas à figura do santo e a pintura do artista, sugerindo a busca por uma compreensão mais profunda e um sentido mais elevado.

No entanto, meus trajes contemporâneos e os elementos ao meu redor apontam para a realidade da vida moderna e suas complexidades, criando um contraste entre o passado e o presente, entre a mitologia antiga e a mitologia moderna. Vestindo terno com uma touca vermelha e usando tênis all-star, eu personifico a fusão entre tradição e modernidade, entre elementos antigos e novos. A escolha de utilizar um terno está relacionada ao simbolismo da vestimenta tradicional do homem do século passado, uma figura icônica que continua a influenciar a atmosfera dos tempos modernos. Essa imagem remete ao pintor surrealista René Magritte (1898-1967), que habilmente incorporou esse símbolo em suas obras. Além disso, bandas de rock, punk rock e emcore dos anos 2000, como My Chemical Romance e Panic! At the Disco, exercem uma forte influência sobre meu gosto e estética, e trazem uma abordagem musical e visual que contribuiu para a atualização e revitalização do estilo gótico.



Figura 28 -

MAGRITTE, René – O Filho do Homem
1946 – óleo sobre tela – 116 x 89 cm

Fonte: Google Arts & Culture



Figura 29 -

Banda My Chemical Romance (2001-)

Fonte: Pinterest

O headphone nas orelhas representa o desejo de se desconectar do mundo externo e buscar refúgio na música e em minha própria realidade. Já o celular conectado ao carregador e a extensão elétrica em minha mão esquerda simboliza a constante presença e dependência da eletricidade e tecnologia em nossa vida cotidiana. A utilização da caneta digitalizadora na mão direita proporciona uma releitura moderna da pena de São Jerônimo.



Figura 30 -

Ampliação do fone

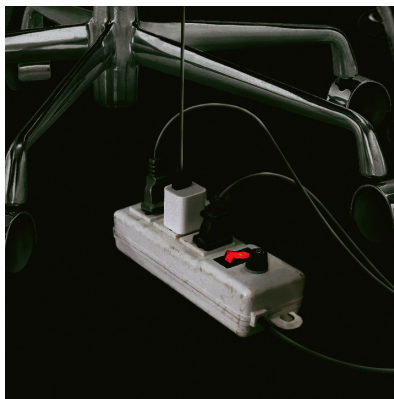


Figura 31 -

Ampliação da extensão

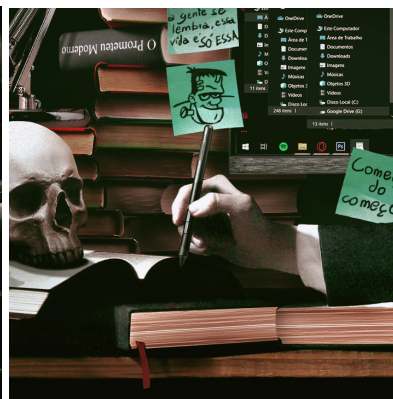


Figura 32 -

Ampliação da caneta

A disposição dos objetos na mesa transmite uma sensação de sobrecarga. O cenário repleto de pilhas de livros, uma caneca cheia de canetas e outros materiais, uma luminária, uma tela de computador com post-its ao redor, uma pilha de pratos sujos sobre outra pilha de livros e um calendário sobreposta a outra pilha de livros, expressa a sobrecarga informacional e o ritmo acelerado da vida moderna. Esses elementos representam a incessante busca por conhecimento, a necessidade de equilibrar múltiplas demandas e a dificuldade de encontrar harmonia em meio a um mundo agitado. As pilhas de livros e quadrinhos podem representar a abundância de conhecimento e referência disponíveis, mas também o desafio de filtrar e assimilar tanta informação. A presença dos post-its na tela do computador evidencia a necessidade de organização e a sobrecarga de tarefas. O acúmulo de pratos sujos sobre os livros revela a negligência das necessidades básicas em prol das demandas. Em suma, o caos.



Figura 33 -

Ampliação das pilhas de livros e quadrinhos



Figura 34 -

Ampliação da pilha de pratos e caneca com canetas

A presença do crânio e do pequeno vaso com uma rosa vermelha sobre a mesa evocam a dualidade da existência humana. Enquanto o crânio simboliza a transitoriedade e as questões existenciais, a rosa representa a beleza e a fragilidade encontradas em nossa jornada. Esses símbolos dialogam com os temas explorados em "Frankenstein", como a criação da vida, a reflexão sobre a mortalidade e a busca pela identidade. A presença do crânio na mesa remete ao simbolismo da mortalidade e à reflexão sobre a transitoriedade da vida. Já a rosa vermelha, delicada e frágil, simboliza a beleza e a efemeridade das emoções humanas. Esses elementos refletem as temáticas presentes em Frankenstein, como a criação da vida e a

reflexão sobre o significado da existência. A rosa vermelha, por sua vez, é um símbolo carregado de significados, representando tanto a beleza e a delicadeza quanto o perigo e a efemeridade da vida. Sua presença na composição destaca a dualidade entre a criação e a destruição, entre a capacidade do artista de dar vida às suas obras e as possíveis consequências negativas de suas ambições desmedidas, tal como retratado na narrativa de "Frankenstein".

O cesto de lixo transbordando com folhas de papel amassadas sugere as tentativas do processo criativo e a necessidade de descartar o que não serve mais, para abrir espaço para novas ideias e possibilidades, refletindo os desafios enfrentados por um jovem artista, como a pressão por ser produtivo e a necessidade de renovar constantemente a criatividade, o desafio de lidar com a pressão por resultados imediatos e a intolerância ao fracasso imposta pela sociedade atual.



Figura 35 - Ampliação da rosa e do crânio

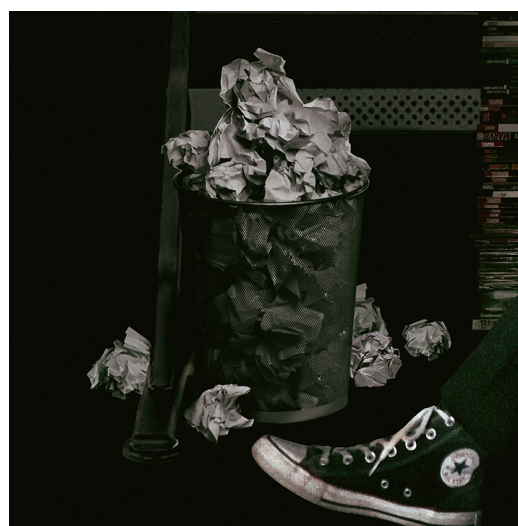


Figura 36 - Ampliação da cesta de lixo

Tanto o cesto como as pilhas de livros desorganizadas indicam o processo criativo caótico e desafiador. O artista precisa enfrentar os desafios do cotidiano, lidar com as frustrações e aprender a descartar ideias e projetos que não funcionam. Essa dimensão do processo criativo está intimamente ligada ao anacronismo entre a mitologia antiga e a mitologia moderna, pois o jovem artista precisa encontrar seu lugar entre as tradições estabelecidas e as inovações contemporâneas.

O relógio de parede, posicionado centralmente na composição, destaca a passagem implacável do tempo e a urgência da existência humana e da sociedade contemporânea. Ele nos convida a refletir sobre nossas escolhas, prioridades e a aproveitar o presente,

considerando a efemeridade da vida e o ritmo frenético imposto pela sociedade atual. O jovem artista é constantemente desafiado pela pressão da produtividade e pela necessidade de acompanhar o ritmo acelerado do mundo moderno. Essa pressão pode levar ao cansaço e à exaustão criativa, tema abordado na obra "Sociedade do Cansaço".

O calendário, como símbolo temporal, é geralmente usado para marcar eventos e compromissos, além de organizar o fluxo das atividades diárias. No entanto, ao apresentar todos os dias riscados, a imagem sugere a incerteza da permanência da vida e a incapacidade de acompanhar o tempo de maneira significativa. Essa representação pode ser interpretada como uma alusão ao sentimento de confusão e desconexão do indivíduo moderno em relação à sua própria existência em relação ao tempo. Ao substituir o nome do mês pela palavra "VIDA", a peça desafia a estrutura convencional do tempo linear e convoca o espectador a refletir sobre o significado mais amplo da existência. Essa ruptura com o calendário tradicional pode ser entendida como uma crítica ao ritmo acelerado e desumanizante da sociedade contemporânea, em que a noção de tempo muitas vezes se torna uma imposição opressiva e vazia.



Figura 37 - Ampliação do relógio

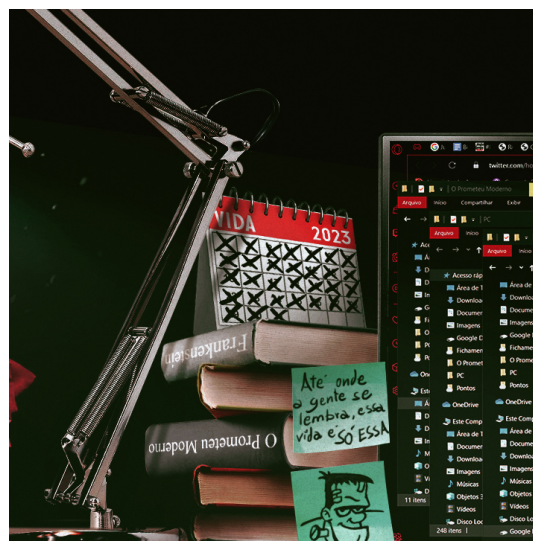


Figura 38 - Ampliação do calendário

Os post-its com frases representam "mantras" pessoais, anotações que me auxiliaram ao longo do processo, em um há a caricatura do Monstro que ficou conhecido pelo filme “Frankenstein” de 1931 e em outro o desenho de uma lâmpada, símbolo da ideia, logo em cima da minha cabeça, enquanto a lombada dos livros faz referência ao próprio projeto "O Prometeu Moderno" e ao livro "Frankenstein".

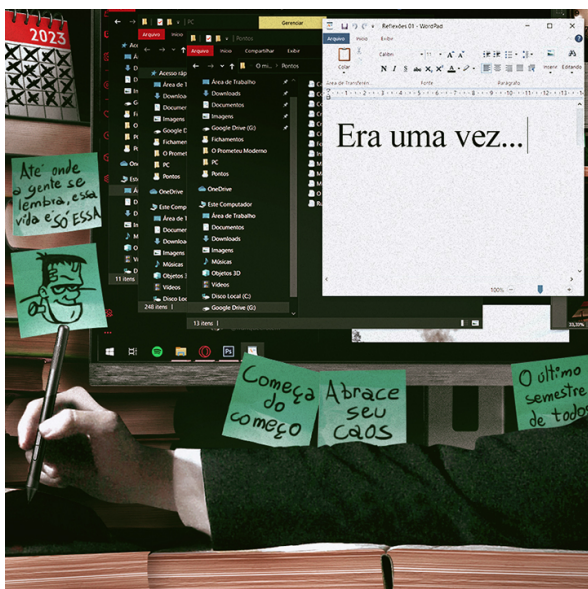


Figura 39 - Ampliação dos post-it



Figura 40 - Ampliação da lâmpada



Figura 41 - Ampliação da lombada dos livros

Por fim, a disposição das várias janelas de trabalho abertas, sobrepostas uma à outra, sugere a frenética atividade e a multitarefa característica da era digital em que vivemos. Essa multiplicidade de tarefas e informações pode ser interpretada como uma representação da sobrecarga e da pressão que enfrentamos. No entanto, é a frase aberta no Word, "Era uma vez...", que chama particularmente a atenção. Essa expressão clássica é frequentemente associada ao início de narrativas e contos de fadas, remetendo à tradição oral e à criação de histórias atemporais. Ao trazer essa frase para o contexto digital e contemporâneo, convido o espectador a refletir sobre a importância da narrativa e da imaginação na nossa vida cotidiana.

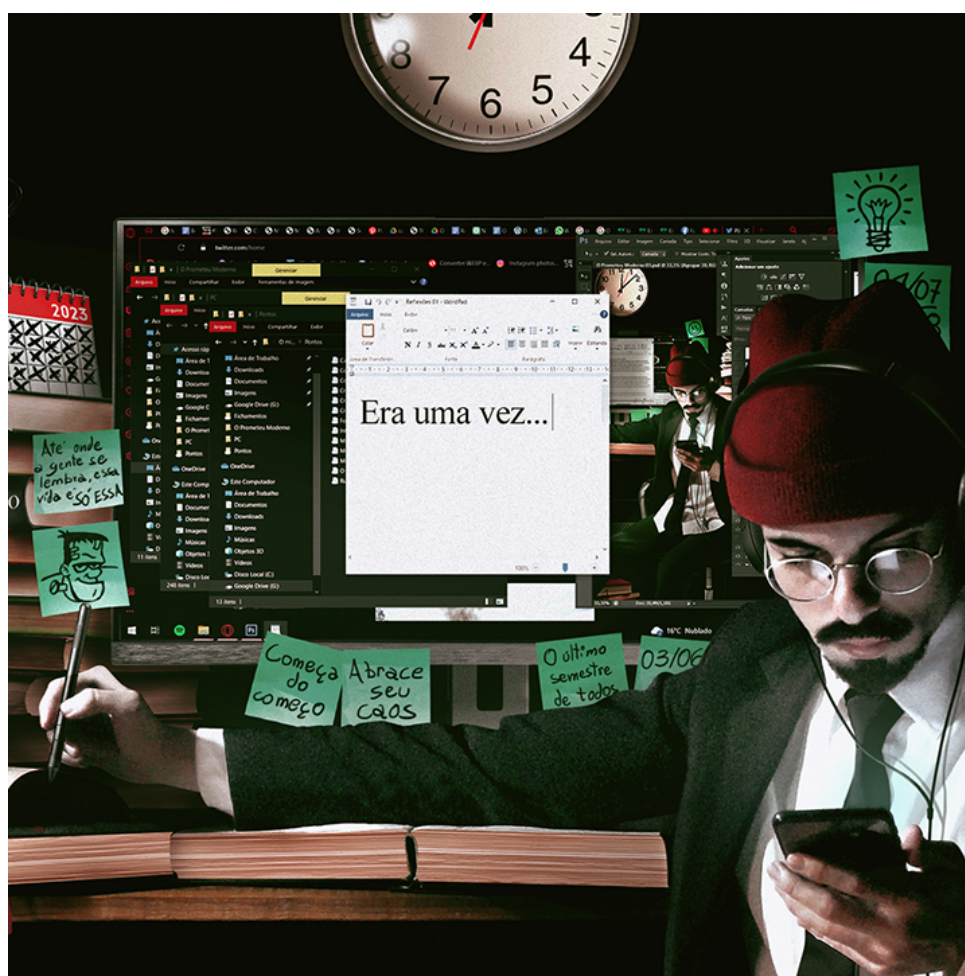


Figura 42 - Ampliação da tela do computador

A frase me lembra do poder da criatividade e da capacidade humana de contar histórias. Ela me convida a refletir sobre a maneira como construímos nossa própria narrativa e como moldamos o mundo à nossa volta. Nesse contexto, o contraste entre a tecnologia digital e a frase que evoca tradição e mitologia antiga cria um diálogo entre a mitologia moderna e a

mitologia ancestral, evidenciando a importância atemporal da criatividade e da narrativa na nossa sociedade. Essa configuração na tela do computador, com todas as suas janelas e a frase em destaque, me faz lembrar que, apesar do avanço tecnológico e das demandas da era digital, a busca por significado e a capacidade de contar histórias continuam sendo elementos essenciais para a nossa compreensão do mundo e da nossa própria existência. Sinto que estou convidando o espectador a olhar além das distrações digitais e a explorar o poder transformador da narrativa em meio ao caos contemporâneo. É como se eu estivesse propondo um momento de reflexão e resgate da magia das histórias, em um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia.

A baixa iluminação presente na peça desempenha um papel simbólico significativo, remetendo ao estilo característico do pintor italiano Caravaggio. Essa escolha estética cria um contraste marcante entre luz e sombra, destacando a importância da escuridão como elemento revelador. Assim como Caravaggio utilizava a técnica do chiaroscuro para enfatizar a dramaticidade e a profundidade emocional de suas obras, a baixa iluminação na imagem busca evocar uma atmosfera de mistério, introspecção e reflexão. A escuridão proporciona um espaço de introspecção para o jovem artista, permitindo-lhe se conectar com seu mundo interior e explorar as profundezas de sua criatividade. No contexto do livro "Frankenstein" de Mary Shelley, a simbologia da escuridão remete ao âmago da narrativa, onde o personagem de Victor Frankenstein mergulha em sua obsessão pela criação da vida. A escuridão representa o desconhecido, o desafio de desvendar os mistérios da natureza e o enfrentamento das consequências de suas ações.

As cores e a iluminação buscam criar uma atmosfera soturna, sombria e introspectiva, como se eu estivesse imerso na escuridão da madrugada. Utilizo tonalidades pouco saturadas, mas o vermelho, em particular, desempenha um papel simbólico significativo, pois, em conjunto com a predominância do preto e com o filtro verde, conferem harmonia e uma identidade visual marcante à peça. O vermelho possui inúmeras simbologias, dentre o amor e a paixão, o sangue, a vida e a ira, o fogo, a energia e o perigo. Aqui, a cor pode desempenhar tais papéis, visto que, aliado de outras simbologias da própria peça, se complementam.

Com "O Prometeu Moderno", busquei transmitir uma mensagem sobre a condição do jovem artista na sociedade contemporânea. Assim como o personagem de Frankenstein, que desafiou os limites da criação e da ciência, o jovem artista moderno enfrenta desafios semelhantes. A obra retrata a dualidade entre tradição e inovação, entre a busca por conhecimento e a pressão do mundo tecnológico. Me encontro imerso em meu ambiente de trabalho, rodeado por livros, símbolos do conhecimento acumulado ao longo da história. No

entanto, ao meu redor, vemos objetos do cotidiano contemporâneo, como o celular, os fios elétricos e a tela de computador. Essa combinação de elementos antigos e modernos ressalta a complexidade da experiência humana na era da tecnologia. Buscando estabelecer um paralelo entre a mitologia antiga e a mitologia moderna, entre o passado e o presente, explorando a condição do jovem artista na sociedade contemporânea, a peça evoca a importância da criatividade como forma de enfrentar os desafios da modernidade, destacando a necessidade de equilibrar as formas de estímulo do nosso mundo, e de encontrar significado e beleza em meio à agitação e ao cansaço. Convido a reflexão sobre a responsabilidade do artista como um criador de significados e narrativas na sociedade atual, que assim como Prometeu, que desafiou os deuses ao auxiliar a humanidade, enfrenta a responsabilidade de dar vida às suas próprias criações artísticas em um mundo cada vez mais complexo.

A escolha de elementos mitológicos, como Prometeu, São Jerônimo e o anacronismo entre as mitologias, ressalta a importância da narrativa e da tradição na construção de significados na arte. Ao mesmo tempo, a presença de objetos do cotidiano, aponta para os desafios e a sobrecarga da vida contemporânea, onde o artista precisa conciliar múltiplas demandas e encontrar equilíbrio, contemplação e reflexão em meio ao ruído e à agitação do mundo moderno, buscando sua própria identidade, seu próprio espaço de criação e imersão, conectando-se com seu mundo interior enquanto está rodeado por tantas informações e distrações externas. Ao abordar o contexto presente no livro "Frankenstein", o artista, assim como o personagem de Victor Frankenstein, enfrenta questionamentos sobre o impacto de suas criações na sociedade e sobre o equilíbrio entre o poder da inovação e as consequências imprevistas, bem como a ambição e obstinação frente a seus próprios desejos, ambições e obsessões. Tanto eu no papel do personagem quanto Victor Frankenstein, e acredito que inúmeras pessoas, artistas e criadores pelo mundo, são confrontados com a angústia de enfrentar as consequências de suas ações no contexto de um mundo caótico e em constante desenvolvimento.

Em última análise, "O Prometeu Moderno" é uma obra que busca expressar a complexidade da experiência artística e humana na sociedade contemporânea. Ela convida o observador a refletir sobre a função da criatividade, a relação entre mitologia antiga e mitologia moderna, e os desafios enfrentados pelo jovem artista na busca por significado, equilíbrio e autenticidade em um mundo em constante transformação.

A razão do Prometeu Moderno vir à luz é não apenas por virtude, mas também por necessidade. Em um mundo frenético, é fácil se perder, e essa sensação de perda é uma parte inevitável da vida. Buscamos constantemente preencher um vazio existencial que sentimos

com sentidos profundos. A vida moderna nos proporciona uma infinidade de experiências e conhecimentos, trazendo consigo uma intensa iluminação. No entanto, essa luz também pode vir acompanhada por sombras. Assim como Victor, precisamos ter cuidado para não transformar nossa própria criação em nosso monstro.

No contexto atual, o ser humano se depara com uma série de problemas que afetam tanto o âmbito individual quanto o coletivo. Podemos observar a fragmentação das relações humanas, a solidão e o isolamento que surgem como consequências da falta de conexão genuína entre as pessoas. A tecnologia, embora tenha proporcionado uma maior interconexão virtual, muitas vezes nos distancia do contato real e profundo com o outro. Nossa atualidade traz consigo uma carga de sintomas que, em suma, vejo que estão relacionados ao capitalismo, as más consequências da vida moderna e as más condições da vida contemporânea. Ansiedade e estresse, resultado das exigências e pressões; busca incessante por sucesso e realização pessoal que cria uma constante sensação de insatisfação, levando-nos a questionar constantemente nossas conquistas e a nos comparar com padrões irreais de perfeição e felicidade; a dificuldade de equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, as demandas e condições precárias de trabalho tornando-se cada vez mais intensas e absorventes, levando muitos indivíduos a se sentirem sobrecarregados e incapazes de dedicar tempo suficiente para suas relações afetivas, lazer e autocuidado; a sensação de vazio existencial, falta de propósito e significado, rapidez e superficialidade dos relacionamentos, o excesso de informações e estímulos, bem como a falta de tempo para a contemplação e reflexão; desigualdade socioeconômica, consumismo excessivo, exploração do trabalho, fragilidade financeira, individualismo exacerbado, degradação ambiental, crise de sentido e alienação; tudo contribuindo para essa sensação de desorientação e desconexão com nós mesmos e com o mundo.

O reducionismo da sensibilidade e da apreciação da vida como uma experiência única e o reducionismo do fazer criativo, caracterizados pela pobreza de qualidade e de sentido, bem como o processo de vida mecânica e vazia, revelam um processo condicionado à repetição e carente de pausa e contemplação. A máquina não pode parar, mas ela só produz vazio. Como diz Han (2017): “Há diversos tipos de atividade. A atividade que segue a estupidez da mecânica é pobre em interrupções. A máquina não pode fazer pausas.” (HAN, 2017, p.29)

Em sua teoria, Han aborda a questão da potência positiva versus a negativa, onde há duas formas de potência: a potência positiva é a potência de fazer alguma coisa, a potência negativa, ao contrário, é a potência de não fazer. Mas a potência negativa distingue-se da mera impotência, a incapacidade de fazer alguma coisa. Já a impotência é simplesmente o

contrário da potência positiva. (HAN, 2017, p.30). A problemática aqui reside na tendência exagerada de maximizar o desempenho, exaltando somente a positividade e afastando a potência negativa, a negatividade. Apontando Hegel, ele diz que a potência negativa é essencial para manter a existência viva. Existe uma distinção entre potência positiva, relacionada à capacidade de realizar algo, e potência negativa, relacionada à capacidade de dizer não e de não fazer. O cansaço de esgotamento é uma forma de cansaço da potência negativa, que nos incapacita de fazer qualquer coisa. Han diz:

Poderíamos também dizer que precisamente o esforço exagerado por maximizar o desempenho afasta a negatividade, porque essa atrasa o processo de aceleração. Se o homem fosse um ser da negatividade, a total positividade do mundo teria um efeito que seria nocivo. Segundo Hegel, é precisamente a negatividade que mantém viva a existência. (HAN, 2017, p.30)

É precisamente a negatividade que mantém viva a existência, porque nada é perfeito e os conflitos que permeiam a existência estão aí para comprovar.

A solução proposta é encontrar um equilíbrio entre a potência positiva e a potência negativa. Reconhecer a importância da negatividade como uma força vital para a existência e permitir-se momentos de não-fazer, de descanso e contemplação. O tempo intermediário, livre de trabalho e cura, é um tempo lúdico em que é possível o uso do inútil. É um tempo de cansaço, mas também de renovação e recuperação. Portanto, a solução está em valorizar e integrar a potência negativa em nossas vidas, encontrando um equilíbrio saudável entre o fazer e o não-fazer, entre o trabalho e o descanso.

O cansaço de esgotamento não é um cansaço da potência positiva. Ele nos incapacita de fazer qualquer coisa. O cansaço que inspira é um cansaço da potência negativa, a saber, do não-para. Han até usa de um exemplo mitológico, o do sétimo dia de descanso após a criação da mitologia cristã, para relacionar com o desgaste que enfrentamos na sociedade contemporânea:

Depois de terminar sua criação, Deus chamou ao sétimo dia de sagrado. Sagrado, portanto, não é o dia do para-isso, mas o dia do não-para, um dia no qual seria possível o uso do inútil. É o dia do cansaço. O tempo intermediário é um tempo sem trabalho, um tempo lúdico, [...], que no essencial é um tempo de cura e de trabalho. (HAN, 2017, p.40)

Han (2017) diz que “hoje, vivemos num mundo muito pobre de interrupções, pobre de entremeios e tempos intermédios.” (HAN, 2017, p.29). Ele aborda a importância da contemplação como uma pausa no ritmo frenético da sociedade contemporânea e destaca a necessidade de desacelerar, de se afastar das distrações constantes e da pressão pela produtividade, a fim de entrar em um estado de contemplação que propicie a reflexão profunda e a conexão consigo mesmo e com o mundo ao redor. Han afirma “que precisamente a perda da capacidade contemplativa, que não por último, depende da absolutização da *vita activa*, é corresponsável pela histeria e nervosismo da sociedade ativa moderna.” (HAN, 2017, p. 25)

Mircea Eliade (2001), por sua vez, descreve o sagrado como uma dimensão transcendental que está além do mundo cotidiano. O sagrado é caracterizado pela sacralidade, pela presença do divino ou do numinoso, e pela capacidade de conferir significado e valor à existência humana. Eliade destaca que a experiência do sagrado envolve uma ruptura com o tempo profano e a entrada em um espaço-tempo sacralizado, onde a realidade comum é transformada em algo transcendente. Nesse contexto, ambos enfatizam a importância de momentos de reflexão e transcendência. Através da contemplação, é possível abrir espaço para uma conexão mais profunda consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Tanto a contemplação de Han quanto o sagrado de Eliade buscam resgatar uma dimensão mais profunda, que vai além da superficialidade e da imediatidade do mundo moderno. Ambos sugerem a necessidade de buscar momentos de recolhimento, de silêncio e de introspecção, a fim de reconectar-se com o que é essencial. Ao fazer isso, é possível vivenciar uma sensação de plenitude, significado e sacralidade, que trazem uma profundidade e uma dimensão sagrada à vida cotidiana.

Mas em meio a tantas problemáticas da existência moderna, é importante lembrar que somos seres capazes de moldar, pelo menos em parte, nosso destino e nossa realidade. Devemos encontrar equilíbrio entre a busca pelo sentido e a aceitação da incerteza. Ao enfrentar tais desafios, cabe a nós não deixar que a escuridão prevaleça, mas sim utilizar a luz para encontrar um meio de mudança.

Para haver mudança é preciso ação, mas, ainda assim, o pensamento ou a ideia também é necessário. O pensamento é uma atividade vital que permanece relativamente imune aos prejuízos de uma evolução social negativa. Embora o futuro do mundo seja moldado pelo poder da ação das pessoas, o pensamento não é irrelevante para o destino humano. De todas as atividades da vida, o pensamento é a mais intensa e ativa, superando todas as outras em sua pura capacidade de atuação. Portanto, aqueles que valorizam a experiência do

pensamento reconhecerão que, muitas vezes, é nas aparentes inatividades que somos mais ativos e na solidão consigo mesmo que encontramos a verdadeira conexão com os outros. (HAN, 0000, p.25).

Para combater os efeitos avassaladores do frenesi e da agitação da nossa era atual, é essencial compreender o valor do tempo, apreciar a importância da pausa, da contemplação e do exercício do pensamento. No entanto, de acordo com Han, existe um impulso fundamental que impulsiona a transformação: a raiva.

A falta de impulso para a mudança, para a transformação, é evidente na ausência de raiva, que é capaz de interromper um estado de normalização. No contexto de aceleração e hiperatividade que vivemos, a raiva não encontra espaço, pois não se encaixa nesse ritmo acelerado. A falta de equilíbrio da negatividade na sociedade atual impede a verdadeira compreensão da transformação. A raiva desafia o presente, exigindo uma pausa que interrompa o estado atual. Isso a distingue da mera irritação. No entanto, a dispersão generalizada na sociedade contemporânea dificulta o surgimento da ênfase e da energia da raiva. Em vez disso, prevalecem a irritação e o desgaste, que não têm o poder de promover mudanças significativas. Para Han “A ira é uma capacidade que está em condições de interromper um estado, e fazer com que se inicie um novo estado. Hoje, cada vez mais ela cede lugar à irritação ou ao enervar-se, que não podem produzir nenhuma mudança decisiva.” (HAN, 2017, p.30).

Um ser humano maduro deve sempre preservar a mente calma e pacífica e nunca permitir que a paixão ou o desejo transitório perturbe sua tranquilidade. Não creio que a busca pelo conhecimento seja uma exceção à regra. Se o estudo a que a pessoas se dedica tende a enfraquecer seus afetos e a destruir o gosto pelos prazeres simples que não admitem mistura alguma, então esse estudo certamente é ilegítimo, ou seja, não condizente com a razão humana. Se essa regra fosse sempre observada, se a nenhum homem fosse permitida qualquer atividade que interfira nas afeições domésticas, a Grécia não teria sido escravizada, César teria poupado seu país, a América teria sido descoberta aos poucos e os impérios do México e do Peru não teriam sido destruídos. (SHELLEY, 2017, p.73)

A propensão para crescer e alcançar níveis de maturidade é inerente aos processos de vida. O crescimento e amadurecimento são necessidades intrínsecas do ser humano, ciclos essenciais de transformação. Essa necessidade pode não ser consciente, mas está sempre presente em nossa vida psíquica e subjetiva. Fayga (2011) afirma que “Crescer, realizar

potencialidades, definir-nos em nós, conhecer-nos melhor, identificar-nos coerentemente, são anseios tão absolutos, tão claros e evidentes em si, que dispensam qualquer explicitação.” (OSTROWER, 2011, p.127). As consequências trágicas da não realização desses anseios são amplamente conhecidas: o vazio existencial, a apatia, a falta de respeito pelos outros (pois também não se respeitou o próprio potencial) e, em casos mais extremos, a autodestruição ou a violência contra si mesmo e contra os outros. (OSTROWER, 2011, p.127).

Eliade discute em suas obras a ideia de renovação do mundo e a reatualização da cosmogonia, exemplificando que muitas tradições e culturas ao redor do mundo possuem rituais e mitos que buscam restabelecer a ordem cósmica, renovar o mundo e restaurar uma possível harmonia perdida. Esses rituais e mitos são vistos como um retorno aos tempos primordiais, quando teoricamente o cosmos era perfeito e em equilíbrio. Por meio dessas práticas rituais, as comunidades recriam simbolicamente a cosmogonia, reatualizando os eventos primordiais que deram origem ao universo. Os rituais de renovação do mundo são vistos como um meio de participar da criação contínua, transcendendo o tempo e estabelecendo um elo com as realidades sagradas. Um perfeito exemplo é o rito de Ano Novo, presente em diversas culturas pelo mundo.

Essa ideia tem grande importância nas religiões e culturas tradicionais, pois permite que os indivíduos revivam os mitos e encontrem significado e sentido neles. Eliade destaca que essas práticas não são apenas históricas, mas continuam sendo relevantes e significativas nos tempos modernos, oferecendo uma resposta às preocupações existenciais e uma forma de buscar transcendência e renovação espiritual. Ele estabelece que essa manifestação é similar ao ato de fugir do caos da existência a fim de buscar sentido através da criação:

Mas, a uma observação mais atenta dos ritos do Ano Novo, percebemos que os mesopotâmios sentiam que o começo estava organicamente ligado ao fim que o precedera, que esse "fim" era da mesma natureza do "Caos" anterior à Criação, e que o Fim, por esse motivo, era indispensável a todos os novos começos. (ELIADE, 2010, p.38)

Para novos começos precisamos de um fim, ou melhor, uma renovação. A vida é um ciclo, e mesmo que os seres humanos sejam mortais, o mundo continuará vivendo para se renovar através do tempo. Os dias continuarão passando e o sol continuará nascendo na próxima manhã.

Conseqüentemente, por mais consideráveis que sejam as diferenças entre os sistemas culturais mesopotâmico e hebraico, não é menos evidente que ambos compartilham de uma esperança comum na regeneração anual ou periódica do Mundo. Ambos acreditam, em suma, na possibilidade de recuperar o "princípio" absoluto, o que implica a destruição e a abolição simbólicas do velho mundo. O fim, portanto, está implícito no começo e vice-versa. Isso nada tem de surpreendente, pois a imagem exemplar desse começo, que é precedido e seguido de um fim, é o Ano, o Tempo cósmico circular, tal qual se apresenta no ritmo das estações e na regularidade dos fenômenos celestes. (ELIADE, 2010, p.39)

Eliade complementa que “É possível que o enredo mítico-ritual do Ano Novo tenha desempenhado um papel tão importante na história da humanidade principalmente porque, ao assegurar a renovação cósmica, ele oferecia igualmente a esperança de uma recuperação da beatitude do "princípio" ”. (ELIADE, 2010, p.39)

A esperança é uma força motriz que impulsiona os indivíduos a buscar um futuro melhor, a acreditar na possibilidade da transformação, da renovação. Esses rituais oferecem uma perspectiva de renovação, de superação das dificuldades e desafios, e trazem esperança para a humanidade. A esperança é um elemento presente nas narrativas mitológicas e religiosas, que muitas vezes apresentam figuras heróicas e divinas que enfrentam adversidades, superam obstáculos e trazem mudanças positivas para o mundo. Através dessas histórias, as pessoas encontram inspiração e encorajamento para enfrentar suas próprias lutas e acreditar. Apenas e somente acreditar.

Criar e viver são tentativas. Tentativas que conferem coragem e, acima de tudo, esperança na existência humana.

Por fim, podemos estabelecer, de acordo com as teorias abordadas neste projeto, uma razão para nos apoiarmos uns aos outros, valorizarmos a coletividade, a conexão e a criatividade humana, utilizando a arte e os mitos como uma forma de transformar uma realidade doente.

Fayga Ostrower, em seu trabalho sobre a criatividade, destaca a importância de romper com o reducionismo criativo que se baseia em fórmulas prontas e soluções simplistas. Ela argumenta que a criatividade autêntica requer um processo de exploração, experimentação, maturidade e descoberta contínuos, em que o indivíduo busca expressar-se de forma original e única. Ao abraçar a criatividade em sua plenitude, é possível desafiar os limites impostos pela alienação e reducionismo, e buscar novas formas de expressão e significado. Ela ressalta que a expressão criativa é uma manifestação essencial da natureza humana, uma forma de

comunicação que nos conecta uns aos outros. Através da arte, somos capazes de expressar nossas emoções, experiências e perspectivas, promovendo assim a empatia e a compreensão mútua. Ao valorizarmos a criatividade humana, reconhecemos a importância das perspectivas na construção de uma sociedade mais saudável.

Mircea Eliade e Joseph Campbell destacam a importância da mitologia e da narrativa mítica como fonte de inspiração e significado. A mitologia oferece um conjunto de histórias e símbolos que transcendem a realidade imediata e conectam o indivíduo a algo maior. Ela fornece um arcabouço simbólico que permite explorar questões existenciais, compreender a natureza humana e encontrar um sentido mais profundo na vida. Ao mergulhar na mitologia, é possível desafiar a superficialidade e a fragmentação da modernidade, buscando uma visão mais ampla e significativa do mundo. Ambos enfatizam a função dos mitos como narrativas simbólicas que transcendem a realidade cotidiana e nos conectam a dimensões mais profundas e universais, sendo os mitos uma fonte de sentido, significado, propósito e coesão. Ao nos engajarmos com os mitos, podemos explorar tais questões, buscar uma compreensão mais profunda da condição humana e encontrar inspiração para a transformação pessoal e coletiva desafiando a realidade doente atual e nos motivando a criar novos caminhos.

Por sua vez, Byung-Chul Han aborda a contemplação e a pausa na vida moderna frenética como respostas aos sintomas da modernidade e da “sociedade do cansaço”. Ele sugere que a transformação pessoal e a busca por uma mudança de perspectiva podem ajudar a romper com esse ciclo exaustivo. Ao adotar uma postura de reflexão e transformação, é possível questionar os valores dominantes da sociedade e buscar uma abordagem mais equilibrada e significativa para a vida.

Além do combate ao reducionismo criativo e sensível, nesse contexto, a valorização da criatividade humana e a busca por conexões significativas tornam-se fundamentais para a transformação da realidade. Ao valorizarmos a criatividade, incentivamos a busca por novas perspectivas, soluções inovadoras e formas de pensar fora dos padrões. Ao nos conectarmos uns aos outros de maneira autêntica, podemos combater o isolamento e a superficialidade das interações sociais, a fragmentação e o esgotamento característicos da sociedade contemporânea, encontrando caminhos e criando laços mais profundos e significativos de expressão, compreensão e realização.

Proponho com esse projeto que a solução talvez resida em abraçar a jornada da transformação. Devemos buscar o desenvolvimento e explorar nossas potencialidades, a fim de dedicar tempo para nos conhecermos verdadeiramente, enfrentar nossos medos e limitações, e buscar uma vida que esteja alinhada com bons valores e aspirações mais

profundas. Ao fazermos isso, preenchemos o vazio existencial, cultivamos um maior respeito por nós mesmos e pelos outros, e evitamos as consequências negativas da não realização. A busca pela maturidade e crescimento contínuo é um caminho de reflexão e aceitação que nos leva a uma vida mais plena, significativa e harmoniosa, a uma vida que faça mais sentido, mesmo que o propósito da nossa existência, em si, não exista.

Tal transformação surge tanto através da expressão criativa quanto da sabedoria mitológica, pois ambas possuem um poder significativo e inato dentro de nós e na nossa história. A capacidade de criar e imaginar nos permite transcender limitações e moldar realidades, enquanto a mitologia nos conecta com narrativas ancestrais que carregam profundos ensinamentos sobre a condição humana. Além disso, a própria vida é um ato contínuo de criação. Cada momento e experiência oferecem oportunidades para explorar novos caminhos, moldar nossa identidade e buscar um sentido mais profundo. Ao abraçar essas experiências e manifestações, encontramos recursos valiosos para desencadear transformações pessoais e coletivas.

O ato de criar é o ato de viver.

A Luz - Considerações finais

À medida que somos capazes de discernir, o único sentido da existência é acendermos a luz nas trevas do ser puro e simples. (JUNG, 2011, p.282)

O que eu aprendi com o Prometeu Moderno? Que a perfeição não existe.

Não existir talvez seria a perfeição. Mas a partir do momento em que somos criados, não temos mais tal opção, então apenas lidamos. Apenas vivemos. Se é da melhor ou da pior maneira? Não sei. Nós fazemos o que conseguimos com o que temos. Mas ainda assim podemos encontrar a luz e tentar melhorar. Em um mundo tão cheio de falhas, nós continuaremos falhando, falhando e falhando. Falharemos até o nosso último dia na terra. A perfeição escapa à nossa realidade, pois implica na ausência de falhas e limitações, algo que simplesmente não existe. São essas falhas e limitações que nos tornam humanos. No entanto, mesmo diante desse impasse, continuamos a existir.

Vivemos nossas vidas buscando significado até o fim. Um dia, a morte virá nos encontrar, beijará nossa bochecha e nos concederá o descanso final. Mas até lá, somos chamados a abraçar nossa existência com todas as suas imperfeições, dificuldades, mas também beleza. É nessa jornada que encontramos oportunidades para crescer, aprender e buscar magia nos pequenos fragmentos que compõem nossa realidade. Mesmo diante de todo o caos, nossa existência continua a pulsar com vida e propósito. Enfrentamos desafios, sejam eles materiais ou não, lidamos com a incerteza da permanência e da estabilidade, enfrentamos situações que nos deixam completamente exaustos, desanimados, tristes e frustrados, e nos deparamos com incertezas tão intensas que causam angústia em todo nosso ser.

Mas a vida é um caminho desconhecido e a criação é parte desse caminho, e não a chegada. E, às vezes, principalmente para um artista, a criação paira entre ser uma dádiva ou uma maldição. Eu fiquei muito tempo afastado desse projeto por medo. A criação, relacionada a ele, tinha se tornado um fardo, um Monstro. A ideia de relacionar a Frankenstein surgiu esse ano, pois se eu estava tão angustiado sobre minha própria criação, meu monstro, por que não falar exatamente sobre isso?

Em contrapartida, a vida acontecia. Pude me conectar com sentimentos que eu jamais imaginaria sentir, e pensamentos grandes, efusivos e elucidantes, que jamais imaginaria ter. Reencontrei, ainda mais, sentido na arte, como uma maneira de transformar a realidade, que tanto luto para tentar entender; e através dela tentar fazer possível, ou pelo menos um pouco, o ato de trazer a vida a tudo o que se passa em minha cabeça

E quantas vidas não vivemos em uma só? E quem pode dizer quanto tempo leva uma vida? Só dá pra dizer quanto tempo leva uma vida quando ela acaba. Tudo o que vivi durante todos esses anos parece tão perto mas também tão distante. E de fato é. Não vivemos o tempo linearmente, vivemos o tempo através da imprecisão da vida. O tempo é, além de uma unidade física, um grande amigo que te visita constantemente. Você o recebe logo quando nasce, e mais tarde insiste em mostrar os cômodos da casa antes de sentar-se com ele e partilhar um pedaço de bolo de cenoura com café ou chá. Sem perceber o quanto ele permaneceu, você não se dá conta de que ele foi embora, mas suas visitas são recorrentes, e ele vem sempre para te dizer o quanto você mudou. Sempre que o recebe sua vida não é mais a mesma que era na visita anterior. Sua vida mudou. Você mudou.

Às vezes, sinto dentro de mim um chamado profundo para mudar o mundo, para salvar a humanidade, assim como Prometeu. É um sentimento avassalador, uma necessidade intensa de fazer algo significativo para mudar o curso da história. Parece que a responsabilidade recai sobre meus ombros, como se eu fosse o único capaz de iluminar o mundo em meio à escuridão. Mas, ao mesmo tempo, essa carga se torna insuportável. A humanidade é vasta e complexa, e enfrentamos desafios profundos demais. Como um único indivíduo, como posso realmente fazer a diferença? A insignificância da minha existência parece se chocar com a grandiosidade do que desejo realizar. Esses pensamentos me atormentam, me mergulhando em infinitas questões.

Será que meu destino é a glória de Prometeu, que mesmo castigado, ainda é visto como herói, ou será a desgraça de Frankenstein que falhou com sua própria criação? Será que estou destinado a ser solitário, lutando contra as adversidades e as limitações da minha própria existência? Será que o mundo pode ser verdadeiramente salvo, ou tudo isso é apenas uma ilusão alimentada por um anseio profundo por significado?

Às vezes, me sinto preso entre a esperança e a desilusão, oscilando entre a crença apaixonada de que a humanidade pode ser redimida e a desesperança de que tudo está condenado ao fracasso. Essa dualidade me consome, corrói minha alma e me deixa em pedaços. No entanto, talvez a resposta não esteja em salvar a humanidade, mas em encontrar sentido e propósito em nossas próprias jornadas. Talvez a salvação esteja em abraçar a nossa própria humanidade, com todas as suas imperfeições e limitações, e buscar fazer sentido na nossa vida e na vida daqueles que cruzam o nosso caminho.

A vida é o caminho, porque a chegada todos nós sabemos qual é. A vida é o sentido.

O sentido está em sentir o abraço forte da sua tia após acordar de um sono nada tranquilo e esperar ela fazer um jantar gostoso acompanhado de uma sobremesa mirabolante,

ou em ajudar sua outra tia a sair do banho e se cobrir em uma noite fria, no ato do seu tio de te dar dinheiro porque é o jeito truncado dele de demonstrar carinho, ou até na tensão em brigar com a sua mãe por nenhuma razão, mas em seguida voltar ao seu colo procurando abrigo e esperar ela ir te benzer antes de dormir. O sentido está nas orações que sua família dedica a você, nas palavras "Vai com deus" que ecoam sempre que você sai de casa, e mesmo sendo cético, você responde "Amém".

O sentido está em passar madrugadas na cozinha comendo miojo com o seu companheiro, conversando sobre histórias, filmes e memes, e chamando ele pelos apelidos mais melosos e idiotas possíveis. O sentido está em compartilhar memórias e experiências inexplicáveis com seus amigos, desde discutir sobre ansiedade e medicações no meio da aula, sentindo-se incrivelmente adulto, ou reunir-se na sala da república, ficando completamente chapado, falando besteiras, reclamando da faculdade e planejando o futuro, ou até mesmo encontrar-se com suas amigas de escola, após muito tempo, no velório de outra amiga.

O sentido está em ouvir seus álbuns favoritos, repetidas vezes, ou em tomar uma xícara de chá quente na sala da sua casa, no meio da escuridão da madrugada, longe de toda luz azul das telas. O sentido está na dor, e também no alívio, em ouvir uma música que te embarga o estômago e te faz chorar na janela do ônibus lotado, cheio de pessoas, cada uma com sua história, e todas ali, indo trabalhar, estudar, resolver problemas, indo brincar de viver. O sentido tá em todos que estão ao nosso redor compartilhando o prazer e a dor que é existir. Apenas e somente existir.

A vida acontece nos pormenores. Nós criamos tanto, mas às vezes não precisa de tudo para percebê-la acontecendo. É clichê, eu sei, mas a vida realmente acontece em seus mínimos detalhes.

Mas em contraponto a vida eu também penso muito na morte, principalmente na minha morte. Eu penso tanto na minha morte que às vezes até esqueço que ainda tô vivo. Mas já não sei mais se enxergo ela com maus olhos. Lógico, morrer é triste, mas todos nós vamos. E não há o que fazer, quando ela chegar não haverá uma árvore sequer que você possa agarrar para não ir embora. A morte, assim como a vida, como a criação, também nos une.

Prometeu desafiou os deuses e enfrentou consequências terríveis por sua ousadia, mas ainda assim cumpriu sua missão: trazer luz à humanidade. Não tenho certeza se, como O Prometeu Moderno, eu trouxe luz à humanidade, mas sei que talvez a lição esteja em aceitar nossos próprios limites e encontrar significado no que conseguimos fazer, mesmo que o resultado esteja além de nosso alcance. Talvez, no final, a verdadeira salvação seja encontrada na jornada em si, na busca pela compreensão, pelo crescimento, na conexão com

os outros e na esperança. Afinal, o amanhã sempre vem, o sol nascerá mais um dia e continuaremos tentando.

Então, por enquanto, vou seguir em frente, com uma chama interior acesa, sabendo que, mesmo que eu não possa salvar a humanidade, posso, de alguma forma, contribuir para tornar mais leve a minha existência e a das pessoas ao meu lado. Talvez assim eu possa oferecer uma centelha de esperança e luz em meio à escuridão, pelo menos até o dia em que a minha própria chama irá se apagar.

No mais, não deixe para encontrar a luz no seu último dia na Terra.



Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e Simulação. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BIRO, Matthew. Raoul Hausmann's revolutionary media: dada performance, Photomontage and the cyborg. Art history v. 30 n. 1. February 2007, p. 26-56.

CAMERON, Julia. Caminho do artista: Desperte seu potencial criativo. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. São Paulo: Pensamento, 1990.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. O poder do mito. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 2006.

CARVALHO, Helio Jorge Pereira de. Da fotomontagem às poeticas digitais. 1999. Dissertação (mestrado em multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 1999. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000188913>> acesso em 15-02-2015.

CHIARELLI, Tadeu. A fotomontagem como “introdução à arte moderna”: visões modernistas sobre a fotografia e o surrealismo. In ARS (São Paulo) v.1 n.1 São Paulo 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742003000100002&script=sci_arttext> acesso em 03-04-2015.

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FABRIS, Annateresa. A fotomontagem como função política. In *História* v. 22 n.1, 2003. Disponível em
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742003000100002&script=sci_arttext
 acesso em 03-04-2015.

GOMBRICH, EH. *A história da arte*. Trad. Cristina de Assis Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

HOBBSAWN, E. J. (1995). *A Era dos Extremos: O Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras.

JANSON, H.W. *História Geral da Arte*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. 9ª edição. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MAMMI, L. Prefácio. In: LONGHI, Roberto. *Caravaggio*. São Paulo: CosacNaify, 2012.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PUGA, Rogério Miguel (2021). *Frankenstein, 200 anos: As sombras e os monstros de Mary Shelley*. Coord. Rogério Miguel Puga. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. 2021. [Livro eletrônico]. (pdf, 260 p.)

SERRAVALLE DE SÁ, Daniel. *Gótico Tropical*. 1ª ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2019.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOLFFIN, Heinrich. Conceitos Fundamentais da História da Arte. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Apêndices

Apêndice 1:

História de Prometeu

Jápeto desposou Clímene de belos tornozelos
virgem Oceanína e entraram no mesmo leito.
Ela gerou o filho Atlas de violento ânimo,
pariu o sobreglorioso Menécio e Prometeu
astuto de iriado pensar e o sem-acerto Epimeteu
que foi um mal dêś o começo aos homens come-pão,
pois primeiro aceitou de Zeus moldada a mulher
virgem. Ao soberbo Menécio, Zeus longividente
lançou-o Éreboś abaixo golpeando com fúmeo raio
por sua estultícia e bravura bem-armada.
Atlas sustém o amplo céu sob cruel coerção
nos confins da Terra ante as Hespérides cantoras,
de pé, com a cabeça e infatigáveis braços:
este destino o sábio Zeus atribuiu-lhe.
E prendeu com infrágeis peias Prometeu astuciador,
cadeias dolorosas passadas ao meio duma coluna,
e sobre ele incitou uma águia de longas asas,
ela comia o figado imortal, ele crescia à noite
todo igual o comera de dia a ave de longas asas.
O filho de Alcmena de belos tornozelos valente
Heracles matou-a, da maligna doença defendeu
o filho de Jápeto e libertou-o dos tormentos,
não discordando Zeus Olímpio o sublime soberano
para que de Heracles Tebano fosse a glória
maior que antes sobre a terra multinutriz.
Reverente ele honrou ao insigne filho,
apesar da cólera pôs fim ao rancor que retinha
de quem desafiou os desígnios do pujante Cronida.
Quando se discerniam Deuses e homens mortais

em Mecona, com ânimo atento dividindo ofertou
grande boi, a trapacear o espírito de Zeus:
aqui pôs carnes e gordas vísceras com a banha
sobre a pele e cobriu-as com o ventre do boi,
ali os alvos ossos do boi com dolosa arte
dispôs e cobriu-os com a brilhante banha.
Disse-lhe o pai dos homens e dos Deuses:
“Filho de Jápeto, insigne dentre todos os reis,
ó doce, dividiste as partes zeloso de um só!”.
Assim falou a zombar Zeus de imperecíveis desígnios.
E disse-lhe Prometeu de curvo pensar
sorrindo leve, não esqueceu a dolosa arte:
“Zeus, o de maior glória e poder dos Deuses perenes,
toma qual dos dois nas entranhas te exorta o ânimo”.
Falou por astúcia. Zeus de imperecíveis desígnios
soube, não ignorou a astúcia; nas entranhas previu
males que aos homens mortais deviam cumprir-se.
Com as duas mãos ergueu a alva gordura,
raivou nas entranhas, o rancor veio ao seu ânimo,
quando viu alvos ossos do boi sob dolosa arte.
Por isso aos imortais sobre a terra a grei humana
queima os alvos ossos em altares turiais.
E colérico disse-lhe Zeus agrega-nuvens:
“Filho de Jápeto, o mais hábil em seus desígnios,
ó doce, ainda não esqueceste a dolosa arte!”.
Assim falou irado Zeus de imperecíveis desígnios,
depois sempre deste ardil lembrado
negou nos freixos a força do fogo infatigável
aos homens mortais que sobre a terra habitam.
Porém o enganou o bravo filho de Jápeto:
furtou o brilho longevísível do infatigável fogo
em oca férula; mordeu fundo o ânimo
a Zeus tonítruo e enraivou seu coração
ver entre homens o brilho longevísível do fogo.

E criou já ao invés do fogo um mal aos homens:
plasmou-o da terra o ínclito Pés-tortos
como virgem pudente, por desígnios do Cronida;
cingiu e adornou-a a Deusa Atena de olhos glaucos
com vestes alvas, compôs um véu laborioso
descendo-lhe da cabeça, prodígio aos olhos,
ao redor coroas de flores novas da relva
sedutoras lhe pôs na fronte Palas Atena
e ao redor da cabeça pôs uma coroa de ouro,
quem a fabricou: o ínclito Pés-tortos
lavrando-a nas mãos, agradando a Zeus pai,
e muitos labores nela gravou, prodígio aos olhos,
das feras que a terra e o mar nutrem muitas
ele pôs muitas ali (esplendia muita a graça)
prodigiosas iguais às que vivas têm voz.
Após ter criado belo o mal em vez de um bem
levou-a lá onde eram outros Deuses e homens
adornada pela dos olhos glaucos e do pai forte.
O espanto reteve Deuses imortais e homens mortais
ao virem íngreme incombátível ardil aos homens.
Dela descende a geração das femininas mulheres.
Dela é a funesta geração e grei das mulheres,
grande pena que habita entre homens mortais,
parceiras não da penúria cruel, porém do luxo.
Tal quando na colméia recoberta abelhas
nutrem zangões, emparelhados de malefício,
elas todo o dia até o mergulho do sol
diurnas fadigam-se e fazem os brancos favos,
eles ficam no abrigo do enxame à espera
e amontoam no seu ventre o esforço alheio,
assim um mal igual fez aos homens mortais
Zeus tonítruo: as mulheres, parselhas de obras
ásperas, e em vez de um bem deu oposto mal.
Quem fugindo a núpcias e a obrigações com mulheres

não quer casar-se, atinge a velhice funesta
sem quem o segure: não de víveres carente
vive, mas ao morrer dividem-lhe as posses
parentes longes. A quem vem o destino de núpcias
e cabe cuidadosa esposa concorde consigo,
para este desde cedo ao bem contrapesa o mal
constante. E quem acolhe uma de raça perversa
vive com uma aflição sem fim nas entranhas,
no ânimo, no coração, e incurável é o mal.
Não se pode furtar nem superar o espírito de Zeus
pois nem o filho de Jápeto o benéfico Prometeu
escapou-lhe à pesada cólera, mas sob coerção
apesar de multissábio a grande cadeia o retém.

(HESÍODO, 1995, p.103)